

NANA SIMONS

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

NO BERÇO
DA MÁFIA

ESPECIAL DIA DAS MÃES



Copyright 2020 Nana Simons

Revisão: Lidianne Mastello

Capa: RK Design Editorial

Diagramação Digital: AK Diagramações

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora e editora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[Aviso](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Próximo livro](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

Para todas as monstrinhas do coração.

Vocês me pedem por isso há anos, senti que finalmente precisava fazer.

AVISO

Esse bônus é derivado de uma série chamada No berço da máfia, publicada pela editora Qualis. Essa é uma série dark romance, contendo assuntos polêmicos e por vezes, desconfortáveis de ler. Se você não gosta de uma leitura forte, não leia.

O monstro em mim

O monstro rendido

O monstro em guerra

O monstro liberto

O monstro em nós

Esse bônus se passa muitos anos antes de “O monstro liberto”. Vamos relembrar quando nossos bebês eram apenas Ursinho, princesinha e probleminha. E é claro... o exército que Dante e Alessa fizeram juntos também.

**ANTES DE COMEÇAR A LEITURA DESSE BÔNUS, CONFIRA O
PRÓLOGO DO MEU ÚLTIMO DARK ROMANCE (SOLDADO DE
GELO)**

Dameron

TRÊS ANOS ANTES

Havia dois tipos de homens que eu gostava de completar minhas missões levando a óbito:

Homens que cometiam crimes contra a humanidade;

Homens que cometiam crimes contra o meu país.

Mudié Abramsen era um homem que eu queria matar, mas ele não se encaixava em nenhuma dessas duas espécies. Eu, na verdade não sabia como classificá-lo até então.

— É pelo bem maior — disse ele, sorrindo como se eu fosse seu amigo.

Eu assenti a cada uma de suas palavras, concordando como um robô. Mudié era um dos gerentes do lugar, com quem eu vinha “trabalhando” pelos últimos cinco meses. Permaneci em silêncio após concordar com sua explicação sobre o porquê fazíamos o que fazíamos. Bebendo minha vodka *Iordanov* russa, enquanto observava a cena a minha frente. A grande sala subterrânea ficava a vários metros abaixo da água, numa ilha paradisíaca em Oslo, Noruega. A fila de meninas nuas ajoelhadas parecia não ter fim, e enquanto cada uma implorava por sua dose da heroína mais pura do Afeganistão, as que recebiam iam sendo distribuídas para os homens bebendo e falando ao redor.

— É claro, tudo pelo o bem maior — respondi. — De onde elas vêm?

Ele riu e cruzou os braços, orgulhoso em proporcionar aquele tipo de diversão doente para os homens ricos que pagavam pela privacidade de seus jogos de horror.

— De todos os lugares do mundo. O chefe gosta de manter a variedade.

— Ele parece um homem inteligente — falei. — Estou ansioso para conhecê-lo.

— E você vai. Tem se mostrado fiel e muito rentável tanto aqui quanto nas unidades mundiais da *Kambarys*. Ele virá hoje e você vai ser apresentado como um dos noviços.

— E é só isso? — perguntei, brincando com a bebida no copo.

— Passará pelo ritual, é claro.

— Ritual? — Style Tieko, meu parceiro em diversas missões, perguntou ao meu lado. Eu quis jogar meu cotovelo em sua costela a fim de avisá-lo para prestar atenção em cada palavra que saía de sua boca, mas os olhos atentos de Mudié estavam em nós a todo o momento.

— É claro. Você vai escolher uma dessas meninas e fodê-la enquanto entoa os cantos lituanos *Illuminati*. Deve tirar sangue delas com qualquer objeto de sua escolha enquanto faz isso e quando derramar seu sêmen, deve tirar a vida dela.

Eu já tinha ouvido sobre os rituais que a *Kambarys* realizava, por isso, não estava chocada. Não mais. A repulsa passou por mim interiormente apenas de pensar no que cada um daqueles homens fazia, incluindo esse ritual, mas mantive minha feição neutra, sem demonstrar nada. Fui treinado para não reagir, não sentir e não mostrar quando estava em missão.

Tieko ficou tenso ao meu lado, mas não expressou nada além disso. Mudié o encarou por mais alguns segundos, como se quisesse ter certeza de nosso sangue frio, e voltou sua atenção às meninas a nossa frente.

— Vocês vão escolher uma garota? Talvez duas ou três?

— Eu gosto das minhas mulheres cientes quando estou dentro delas — Tieko murmurou.

Mudié o encarou com olhos estreitos.

— Nossos irmãos não gostam de julgamentos de noviços.

Eu bati no peito de Tieko e ri. Aos olhos de Mudié, deveria parecer uma camaradagem, mas meu parceiro sabia que era um aviso claro para manter a boca fechada e guardar suas opiniões para si mesmo.

— O que meu amigo quer dizer — falei —, é que o melhor jeito de aplicar a dor é quando nossas vítimas estão sentindo cada gota do sangue tirado de seus corpos. Eu vou escolher uma garota mais tarde. Gosto de observar primeiro.

Os olhos de Mudié brilharam de satisfação e um sorriso perverso cruzou seus lábios. Ele me estendeu a mão e deu um tapa nas costas.

— Você será um acréscimo valioso para nossa Sociedade.

Eu assenti e sorri minimamente antes de ele sair.

— Porra, vamos simplesmente parar isso! — disse Tieko, e sua voz demonstrava toda a repulsa pelas cenas a nossa frente.

— Cale a boca e foque na missão.

— Konstantinova, isso aqui é o inferno na Terra! Você não vai foder a porra de uma menina drogada e matá-la, certo?

— A Liga enviará alguém para ajudá-las. Esse não é nosso trabalho.

— Você está me fodendo? Quem sabe se essas meninas vão sobreviver até lá. Eu vou meter um tiro na cabeça desse cara e dar o fora daqui levando todas elas comigo.

Perdendo a paciência, mas não o controle, o arrastei discretamente para um corredor escuro em direção à saída do salão e ergui minha mão ao seu pescoço, o empurrando contra a parede, então o preendi com meus olhos, sem demonstrar qualquer emoção.

— Você acha que é o único que tem uma arma aqui? Esses homens têm dinheiro, muito dinheiro. Há políticos, aristocratas e homens de sangue da realeza aqui dentro. Você acha que querem deixar vazar o que fazem no tempo livre?

— Eu não me importo com quem eles sejam. Essas garotas estão chapadas até a última fibra do cérebro e mal podem ficar de pé!

— Eu sei, porra. Esse não é o primeiro círculo de tráfico humano que eu entro e não será o último, mas a nossa missão aqui é apenas uma: seguir o chefe e dar um tiro limpo, sem rastros, sem suspeitas, então saímos. Se você sair do foco da missão e der um tiro, será um banho de sangue. Essas garotas vão pagar com suas vidas e as chances de nós sairmos vivos daqui viram

nulas.

Ele me encarou por longos minutos, então fechou os olhos e assentiu. Quando o soltei, ele deu um suspiro quebrado.

— Essa merda é fodida, porra. Tão fodida!

— Sim, é. — Dei dois passos para voltar ao salão, mas ele ainda continuava escorado na parede, encarando o chão. — Agente Tieko, concentre-se na missão.

— Você tem certeza de que a Liga enviará alguém?

— Protocolo 3.

— Sim, sim. — Ele suspirou. — Eu sei. Foco na missão. Eu saudei Hitler como cada um aqui dentro, quero justiça sobre essa merda.

Fechei o botão do meu terno e dei um pequeno aceno para voltarmos para lá. Eu odiava estar preso àquelas roupas de três peças que impediam meus movimentos. Aquilo era com meu irmão, eu preferia algo mais rústico. Mas, para me infiltrar na rede, precisava parecer como um deles.

— A Liga sabe o que acontece aqui, temos que pensar que a ajuda está vindo. Até onde sabemos, nada impede que haja agora mesmo alguma equipe em missão de resgate.

Eu dizia a verdade. Os protocolos de segurança impediam que uma equipe ficasse ciente de outras missões, toda a confidencialidade garantia que tivéssemos sucessos sem interferir em qualquer outro trabalho. Por isso, não importava o que acontecia ao nosso redor, nosso objetivo era assassinar o chefe de Oslo, então até que outra cabeça assumisse o lugar, aquelas garotas podiam ser resgatadas.

— Certo. — Ele concordou e voltamos para o centro.

Eu já tinha estado em lugares fodidos, mas *Kambarys* era um dos que mais me surpreendeu. Meninas penduradas no teto, jogadas no chão, compartilhamentos macabros entre vários homens, cenas que me faziam querer vomitar. Eu não podia fazer justiça com as próprias mãos. Eram mais de 100 homens contra 2, nós não tínhamos nenhuma chance.

O cheiro de medo, desespero e sexo, inflamava meu nariz, me dava dor de cabeça, me fazia querer acelerar as coisas e cumprir a missão para estar

logo longe dali. Longe dos gritos de dor daquelas garotas e da felicidade dos homens do diabo de ter prazer no sofrimento delas.

As atividades sexuais duraram mais duas horas. Tieko e eu nos mantivemos de pé num canto bebendo e observando tudo como se estivéssemos apreciando, ansiosos para começar nossa vez.

Foi quando eu percebi que algo mudou, a energia do lugar se tornou mais pesada e os ânimos dos presentes ficaram mais sombrios. Eles tinham sede de sangue inocente. E foi só olhar para a entrada do salão que percebi o porquê.

Kazel Maraba havia acabado de chegar. Um dos chefes das Kambarys mundiais e cabeças do tráfico humano que o FBI, a CIA e nem a NSA conseguiram uma puta foto. Mas, a diferença entre eles e a Liga, é que nós nunca seguíamos as regras e não tínhamos medo de burlar leis para cumprir nossos propósitos.

Era o que fazíamos. O que éramos.

Recrutados para sermos espões e assassinos profissionais.

No momento em que a missão foi dada para mim, Kazel Maraba deixou de ter uma chance.

Os homens estavam praticamente urrando, extasiados com a presença de Kazel. Eu só queria meter uma bala no cérebro dele de uma vez. Passaram vários minutos de assovios, gritos e palmas, até que Mudié veio à frente e levantou as mãos, sinalizando a todos para fazer silêncio. Eu sabia o que vinha a seguir e não havia uma única parte de mim que não se sentia enjoada ao saber que eu tinha que fazer o gesto.

Kazel levantou o braço direito e todos seguiram.

— *Heil, Heil, Heil!* — Sua voz ecoou pelas paredes antigas como um cântico, e todos repetimos as três chamadas.

— *Heil, Heil, Heil!*

Eu tinha sangue alemão. Nasci na minha amada Frankfurt, e não havia nada que eu odiasse mais do que a mancha que o nazismo deixou em nossa nação. Mas alguns daqueles homens eram seguidores férreos dos pensamentos de Hitler, o que fazia de mim, ali dentro, um adorador dele

também.

— Meus irmãos! — continuou ele. — Hoje celebramos a vida, e para isso celebramos com sangue!

Os homens gritaram, erguendo os braços em comemoração.

Kazel gargalhou, feliz pela posição em que se encontrava. Para aqueles homens ele era um rei.

Eu era um caçador sem compaixão, e para mim ele era apenas a Branca de Neve. Minha mão alcançou a arma no coldre e senti os dedos de Tiekō em meu pulso, sinal de que da mesma forma que eu estava atento a ele, ele estava em mim.

As palavras de Kazel começaram a soar como borões, eu começava a perder o foco, tamanha minha fúria. Foi quando ele olhou para trás e estendeu a mão, alcançando de um de seus homens uma figura pequena e delicada, vestida numa túnica branca.

A mulher tinha longos cabelos escuros que passavam de sua cintura e manteve os olhos baixos, o queixo quase encostado no peito. Ela era pequena, mas pelas curvas do corpo, percebi que não deveria ser tão jovem como as outras garotas ao redor, e a forma como Kazel a mantinha perto, segurando-a firmemente e não deixando os olhos muito afastados dela, eu sabia que ele devia tê-la há algum tempo. Me perguntei desde quando a pequena mulher frágil estaria sob as algemas de Kazel.

— Irmãos, eu trouxe minha *mistress* para, em celebração dessa data única, dividi-la com vocês. — Os homens os saudaram em êxtase e alguns gritavam sua excitação.

A mulher ergueu a cabeça como se as palavras do homem tivessem disparado algum botão dentro dela, e quando pude vê-la me impressionei com a beleza de seu rosto. Não havia surpresas do motivo pelo qual Kazel a mantinha tão perto. O pequeno nariz arrebitado combinava com o queixo fino e os lábios cheios, que tinham, inclusive, um corte no canto superior direito. Mas, o que me impressionou foram os olhos. Eles tinham uma cor âmbar, quase amarelo. Mas, as olheiras profundas destacavam quão maltratada ela era, e a falta de brilho nos olhos bonitos deixava claro que não importava quanto tempo esteve com Kazel, foi o suficiente para tirar qualquer esperança

daquele olhar.

Ela parecia horrorizada, mas ao mesmo tempo, conformada. Como se tivesse aceitado que aquela era sua vida e destino.

Eu queria chegar até ela e dizer que aquilo acabaria em breve, que a tortura ia parar, que os braços do monstro não a envolveriam nunca mais.

— *Mistress*, ajoelhe-se e me dê prazer com sua boca. — Ele disse num tom calmo, mas eu conhecia a ameaça por trás de uma voz, e aquela definitivamente era uma.

Condicionada através do medo, assustada demais para fazer algo além do que lhe foi ordenado, a mulher de olhos amarelos abaixou a cabeça novamente.

— Sim, mestre.

Eu não tive forças para assistir. Quando ela se ajoelhou à frente do homem e levou as mãos para a calça dele, olhei para Tieko e dei um aceno simples, deixando-o saber que mesmo que o sinal ainda não tivesse sido dado, eu estava prestes a completar a missão.

O sangue fervia em minhas veias, pulsava com a adrenalina e a satisfação de ser aquele que colocaria uma bala na cabeça do filho da puta. Comecei a caminhar para trás devagar e desviei de todos que poderiam me chamar ou causar algum problema que poderia me impedir de chegar até a bolsa onde meu rifle estava esperando. Subi as escadas do corredor sul e fiz meu caminho até o ponto estratégico para completar a missão: assassinar o ditador que controlava a *Kambarys* de Oslo.

Vi a mala preta e ajoelhei, pegando-a e tirando meu precioso, separado apenas para as melhores missões. Aquelas que me dariam mais gosto de realizar.

Essa era a minha vida. Isso é o que eu fazia. Um espião alemão destinado a seguir toda e qualquer ordem que A Liga mandasse. Fossem serviços do Governo ou missões de ameaça à humanidade, como a que eu e Tieko estávamos naquele momento.

Um sorriso lento se espalhou pelos meus lábios assim que Kazel estava na mira. Um único tiro que faria um buraco fatal em sua cabeça. Mas, quando

tomei a segunda respiração de alívio, um barulho apitou no meu ouvido. Eu sabia o que aquilo significava e não havia nenhuma maneira de obedecer ao comando. A base da Liga estava chamando. Eles tinham acesso à uma câmera que eu instalei no grande salão e podiam me ver sair, podiam ver cada movimento que fiz, desde que não havia me escondido nas sombras. Então, se estavam chamando, era um sinal ruim.

Fechando os olhos, pedi silenciosamente que as ordens não fossem o que eu temia.

— Agente Konstantinova, abortar missão. Repetindo, abortar missão.

— O quê? — perguntei em choque, meu temor se confirmando.

— Protocolo 1, abortar missão.

— Não se atreva, porra! — rosnei, meu dedo quase pressionando o gatilho.

“É pelo bem maior.”

As palavras rodopiavam em minha mente como um mantra. Um mantra que o fodido filho da puta colocou lá. O bem maior nunca poderia ser a tortura de meninas jovens e inocentes, roubando-as de suas vidas e as colocando numa escuridão de drogas e dor. Kazel Maraba tinha que pagar. Assim como Mudié, assim como todos os que escondiam e habitavam por vontade própria as Kambarys ao redor do mundo.

— Agente, suas ações serão tomadas como um ato rebelde e implicará consequências.

— Foda-se — sussurrei. — Ele é a missão. Por que diabos devo abortar?

— Siga as ordens. Abortar missão. — A transmissão foi encerrada e eu olhei através da minha mira, para o homem que merecia, mais do que ninguém no mundo, a bala que atravessaria sua cabeça.

Tieko estava no meio da multidão, olhava ansiosamente na mesma direção que eu, aguardando para ver a queda do monstro. Porra. Porra. *Porra.*

Não deixe suas emoções dominarem seu juízo.

A voz do meu pai soou na minha cabeça como se ele estivesse ao meu lado, e como se fossem suas mãos guiando-me a seguir as ordens. Eu me afastei do rifle, tirando o dedo do gatilho e deixando que Kazel continuasse a viver. Olhei horrorizado quando ele continuou se afundando no corpo da pequena mulher a sua frente, passando então a açoitá-la nas costas, rasgando o pano de seu longo vestido de seda branca com cada batida e marcando a pele clara.

Provavelmente contabilizando o tempo, Tieko olhou para cima, direto para mim. Eu não podia acreditar naquela porra.

Me aproximei de Tieko sem ter coragem de olhar em seus olhos e acenei para a saída do salão.

— Vamos.

— O quê? — Franziu a testa. — Nós não terminamos. — Ele olhou para seu relógio de pulso discretamente e se aproximou mais de mim. — Você está atrasado. Qual o problema?

— Protocolo 1. Missão cancelada. Nós temos que sair.

Os olhos concentrados de Tieko arregalaram em choque, engolindo em seco ele olhou ao redor e pela sua expressão, eu sabia que suas emoções estavam prestes a vir à tona.

Eu rapidamente o tirei de lá, tremendo, odiando cada minuto que fiz meu caminho para a superfície.

Quando emergimos para a costa da ilha, tiramos nossos equipamentos e comecei a caminhar para a areia, em direção ao nosso transporte. Não havia nenhuma segurança na praia ou alojado em algum lugar para guardar a *Kambarys* de Oslo. Jogada inteligente, afinal, para que guardar algo que supostamente não existe? Quem imaginaria que abaixo daquela ilha onde as pessoas iam para se divertir e relaxar, existia um subterrâneo de escravidão sexual?

— Eu vou fazer a chamada para informar que a missão foi cumprida.

— Certo. Use o telefone à leste da costa. Eu vou para o ponto de encontro.

— Certo — Ele confirmou e começamos a nos separar, quando me

chamou. Eu parei e virei para encará-lo. — Você acha que podemos perguntar sobre o resgate das garotas?

Quando fui responder, um estrondo soou atrás de nós, cortando minhas palavras no ar e nos arremessando vários metros à frente. Uma onda nos cobriu antes de se afastar. Quando abri os olhos, com uma tontura infernal, vários pontos do meu corpo doíam e gotas de sangue pingaram pelos meus olhos. Uma pedra do lado da minha cabeça me mostrava que provavelmente bati com a queda.

Com meus ouvidos ainda zumbindo, ergui a cabeça e olhei para a água, a fumaça que subia sem parar e o fogo aumentando não deixavam dúvidas sobre o que havia acabado de acontecer.

Apertei o transmissor em meu ouvido, ligando para chamar a base, mas meus olhos estavam fixos na água. Se fechasse os olhos, podia ver as mais de cinquenta meninas inocentes boiando lado a lado, suas camisolas brancas idênticas soltas no mar e os cabelos igualmente compridos nadando em meio àquela imensidão azul. Uma dor como eu não sentia há muito tempo ameaçou crescer no meu peito, fazendo-me esfregar a carne numa tentativa inútil de afastá-la.

Mas eu sabia que nada mudaria aquilo. O tempo era fixo e não havia volta para o que havia acabado de acontecer. Eu me segurei, levantando-me e sabendo que precisava conferir Style, ainda deitado na areia, enquanto meus olhos ainda estavam presos no fogo que a explosão do subterrâneo causou.

Mas eu não podia me mover. Não podia tirar meus olhos do assassinato em massa que aconteceu diante de mim naquele paraíso tropical. Eu sabia que tinha acabado de deixar mais uma parte de mim para trás. Com o mar, o céu azul que de repente não parecia mais tão bonito, e com a minha recusa em salvá-las mais cedo.

Todas as garotas mortas. Todas que eu deixei para trás.

A mulher dos olhos amarelos.

Tudo pelas malditas ordens.

— Porra, porra, porra — Soltei um murmúrio quebrado, me arrastando até Style.

O virei, batendo em seu rosto e chamando-o sem cansar. Olhei para o mar novamente, sabendo que mesmo a região sendo parada, em breve a fumaça chamaria atenção.

Quando voltei meus olhos para Style, não tive tempo de reagir. Seus olhos puxados estavam fixos em mim, frios como eu nunca vi meu parceiro antes, e no segundo seguinte uma seringa foi enfiada em meu pescoço, suas últimas palavras levando embora o último resquício de humanidade que havia em mim.

— Sinto muito, Demeron.

**NO BERÇO
DA MÁFIA
BÔNUS**



Lucca DeRossi

Chegaria aos meus oitenta anos e ainda amaria a *famiglia* como se fosse o meu coração batendo fora do peito.

Escuro.

Frio.

Absolutamente assombroso.

Se eu o plantasse no solo da minha amada Sicília, os campos morreriam. Chuva cairia da cor do sangue. As asas dos pássaros parariam de bater. Na mesma hora eu renasceria carregando caos e dor cidade adentro.

Ainda assim, não a deixaria jamais. A *Cosa Nostra* tomou a minha vida desde o nascimento e eu morreria e nasceria novamente para dar meus dias a ela outra vez.

Eu me sentava naquela cadeira todos os dias, aceitando as palavras, as promessas e os favores, afirmando a cada maldito dia que governaria aquelas terras até o fim e isso jamais terminaria. Quando o fim chegasse, eu daria um jeito de voltar para ela.

Sempre.

Depois de mim, meu sangue assumiria, e então, o sangue do meu sangue. Até que houvesse uma alma viva que exterminasse minha família da primeira à última geração. Difícil. Impossível. Os DeRossi prosperaram naquela posição, geração atrás de geração no comando da Itália e tudo o que ela era.

Quatro chefes com o meu sangue vieram antes de mim. O último, Thomas DeRossi, meu pai, que pelas minhas mãos e de meus irmãos queimava no inferno.

Ele foi um homem tão ruim quanto eu, Dante ou Luigi. Tão ruim quanto

Simone ou Graziano. Porém, foi um bom chefe ou a organização não teria sobrevivido em seu comando e caído em minhas mãos quando a hora chegou. Eu a herdei e o legado jamais acabaria.

Sangue, morte e poder reinariam em mim e seriam minhas raízes para sempre.

Antony não tinha escapatória. Logo após o seu nascimento, eu prometi a minha esposa que caso ele quisesse, ficaria livre do peso, mas menti. Foi sujo, mas eu não consegui meu poder jogando limpo. Ela tinha o meu coração, mas minha cabeça jamais seria domada por algo além do dever com a máfia. Ela estava preocupada e eu precisava dizer algo que a tranquilizasse, que a deixasse pensar que o meu filho seria poupado do sofrimento e da dor. Eu faria o máximo para não o tratar como Thom havia feito comigo e meus irmãos, mas não podia permitir que meu filho fosse fraco.

Ele não herdaria o meu trono por mim, mas por merecer. Caso contrário, nada me impediria de passar a um de meus sobrinhos se mostrassem merecer mais.

— Chefe — Juliano chamou minha atenção de volta, ansioso para descobrir qual seria minha ordem — Isso é o suficiente?

— É mais — Recostei na cadeira, olhando brevemente no relógio de pulso, conferindo se não estava atrasado. — Quem está na linha de sucessão?

— Seria o mais velho de Simone, Frank, mas há sussurros de que ele não quer o garoto, então passará ao mais novo.

— Quantos anos mais novo?

— Tem doze. O mais velho tem quinze.

— Ele já foi iniciado?

— Ainda em processo. O garoto é fraco, mas difícil de quebrar, não estou apostando contra.

Olhei para o meu soldado de mais confiança e assenti, suas opiniões eram válidas, afinal, por mais que eu tentasse estar presente em tudo o que podia da *famiglia*, haviam coisas que me afastavam das ruas, onde a ação acontecia. Juliano não tinha tal problema, ele sempre estava lá.

Os homens confiavam nele, contavam com ele. E isso me beneficiava de

muitas formas.

— Se você não aposta contra, também não o farei. Se Simone não quer o garoto assumindo há algo errado, descubra o que é.

— O que fará caso o julgamento do pai do menino for válido?

— Tiraremos de Simone sua segunda opção. A forma mais eficaz de arrancar uma família do poder é com um chefe estúpido para comandá-la.

— Tiraremos exatamente como?

— Chame o executor para lidar com isso. Alguém de fora. Apenas garanta que ninguém encontre o corpo.

Juliano me deu um olhar cauteloso.

— Chefe, ele fará treze no próximo ano.

— Então?

— Ainda é inocente, nem sequer terá sido iniciado.

— Então é melhor que seu irmão não seja tão ruim assim, não é? Não me olhe desse jeito, Juliano. Não é nada que não tenhamos feito antes.

— Nunca fizemos com crianças, não propositalmente, imaginei que agora que... — Ele fez uma pausa, esperei que continuasse, mas nunca aconteceu.

Ele era esperto o suficiente para perceber quando estava prestes a passar por algum limite.

— Agora que tenho um filho? — Levantei as sobrancelhas em surpresa. Se meu soldado estava com dúvidas sobre a minha posição política, era bom que eu o atualizasse antes que cometesse outro erro como aquele.

— Eu apenas pensei, senhor.

— *Mio amico*, o filho de Simone, de Leandro ou Rafaello não é meu filho. Eles vão morrer no primeiro ano de vida ou no décimo quinto se eu achar necessário.

— Eu entendo, chefe.

— A filha de Graziano, de Sittutto ou Vito não é minha filha. Elas

morrerão ou se casarão se for necessário. Se me traírem ou traírem a família, pagarão com sua vida ou seus corpos. Eu não tenho filhas.

A incerteza foi embora de seus olhos como se nunca tivesse estado ali, mas me irritou apenas o fato de ter existido.

Se os meus homens comessem a questionar-me por qualquer motivo, haveria espaço para sussurros serem iniciados, então motins, depois as mensagens chegariam em minha casa até que minha força fosse enfraquecida e minha família dizimada.

Tudo para que a cadeira que estava em meu sangue fosse tirada de nós.

Jamais.

Não enquanto o meu nome fosse sinônimo de respeito, medo e adoração.

Se era de atos ou provas que sentiam falta, eu daria a eles.

Não porque precisava provar qualquer coisa, mas porque eu podia.

Pela honra e pelo sangue.



Dante De Rossi

— Que piada do caralho, Luigi — murmurei quando entramos em um dos nossos cassinos, dividido entre primeiro arrancar aquelas decorações ridículas ou a cabeça do meu irmão.

— Ah, para com isso, Dante. — Ele respondeu com um sorriso de orelha a orelha olhando ao redor, orgulhoso do que fez. — Estamos no verão.

— Essa merda ficará hoje, mas sai amanhã.

Ele torceu o nariz, mas assentiu rápido o suficiente para que eu estranhasse o quão fácil foi fazê-lo ceder.

— Tem razão, se repetir o mesmo tema todos os dias perderá a graça eventualmente. Que tal halloween amanhã?

Como eu suspeitei, não cedeu. Só tinha outros planos em mente.

Acelerei o passo, ansioso para tratar do que precisava aqui e dar o fora. Meu irmão não sabia quando parar. As dançarinas com colares de flores, sutiãs de casca de coco e minúsculas saias havaianas. Os homens recebiam colares iguais, e outros tinham coroas de flores na cabeça. Bêbados, cheirando pó para caralho e com seus paus sujos para fora, esperando a próxima boca ou boceta a se acomodar ali.

Eu não tinha mais ânimo para essa merda.

Nunca tive.

Matar, torturar, fazer negócios, sim, tudo isso estava em meu sangue, mas bancar o gangster rebelde, traindo a minha esposa e passando as madrugadas em um bordel onde a maioria da minha comissão seria despejada?

Não, obrigado.

Nem mesmo quando a cocaína era a minha melhor companheira eu era um viciado governado por ela.

— Por isso ninguém te leva a sério, imbecil.

— Eu sou um empreendedor. — Ele abriu os braços, tentando justificar seus gostos excêntricos. — E antes de um pai de família fui um desses caras, sei do que eles gostam porque *eu costumava gostar*.

— Então esse ainda é seu gosto? — Girei o dedo ao redor quando paramos no bar, acenei para a menina atrás dele nos trazer o de sempre — Sua esposa sabe disso?

Ele bufou, gargalhando.

— De quem acha que foi a ideia?

Fiz uma pausa com a mão erguida para pegar meu copo da garota, dando-lhe um olhar.

— Vocês foram feitos um para o outro.

— Eu sei. — Vangloriou-se. — Ela gosta dessa merda de fantasiar e fingir situações.

— Muita informação, Luigi.

— Ah, pelo amor de Deus, não deixe o sexo missionário com sua esposa te censurar de me ouvir. — Deu de ombros. — Fui o sortudo de nós dois e peguei a gêmea safada. Caralho, eu nunca quis me casar porque uma única boceta até a morte seria o meu fim lento e torturante, mas a boceta que me foi condenada... — Fechou os olhos, mordendo os lábios antes de virar a bebida e bater o copo no balcão, acenando para receber mais uma dose. — Eu andaria por aí com ela montada em mim, porra.

Segurei o riso ao ouvir sua visão sobre Alessa e deixei minha mente viajar para aquela manhã. Acordar com a boca da minha esposa em volta do meu pau era o céu, mas quando ela me dava bom dia montada em mim de costas, com meu pau afundando em sua bunda... caralho. Um arrepio me cobriu e precisei recorrer a mais uma dose também.

O anel apertado era tão perfeito quanto aquela boceta, e embora eu amasse tudo dela, não conseguia me decidir em qual dos dois escolheria meter para sempre se me fosse imposto isso.

— Quando ela se vestiu de havaiana e entrou no quarto dançando *hula* eu pensei que meu pinto fosse sair do corpo e voar nela de tanto tesão. — Ele esfregou o rosto parecendo atordoado. — Caralho, que tesão!

Eu me aproximei dele e passei o braço por seu ombro, virando meu irmão caçula para observar o cassino e acenei a nossa frente.

— Olhe para aquela ruiva ali, está vendo?

Ele procurou por um momento, então assentiu, erguendo as sobrancelhas.

— Se você está prestes a me mandar fingir que não vou vê-lo levando-a para um quarto ou algo assim, serei obrigado a dizer que Alessa merece ser traída por algo melhor.

Revirei os olhos, batendo sutilmente na cabeça do idiota. Não seria bom que nossos soldados e até um ou dois capos presentes me vissem tratando o meu irmão como o idiota que era. Ainda seria desrespeitoso com ele e sua posição.

— Alessa jamais será traída, Luigi. Repita isso e o próximo enfeite pendurado no teto será sua língua.

Ele riu e foi o único a revirar os olhos desta vez.

— *Molto bene*, então o que tem a ruiva?

— Observe-a.

— Irmão, também não vou trair a minha rainha louca.

— Cale a porra da boca e olhe. — Rosnei, perdendo a paciência em provar meu ponto.

Seus lábios se contorceram e eu soube que estava só querendo me irritar, como sempre, sendo bem sucedido.

— Estou olhando.

— Ela está sorrindo para o capo sentado ao seu lado, mas repare sua expressão quando olha para o bar pedindo outra bebida.

Ele ficou olhando e levou cerca de dois minutos, mas a ruiva se inclinou e fez o que eu disse.

— Ela revirou os olhos, está entediada — constatou.

— Além disso. — Continuei — Além de entediada, ela está cansada, cansada desses paus sujos e velhos socando em sua boca, rabo e boceta, ela está infeliz. Acha que suas fantasias ou essa besteira de decorar nossos lugares toda semana com um tema diferente mudará isso?

Luigi continuou olhando na direção que eu apontei por mais alguns minutos, tempo o suficiente para que eu terminasse a dose e batesse o copo no balcão.

— Mais um, senhor? — A garçonete perguntou.

— Não. Diga a Vito que quero vê-lo.

Ela assentiu e saiu rapidamente, ansiosa para se ver longe de nós.

— Falaremos com Vito e vamos sair. Quero voltar para minha mulher e meus filhos.

— Se você fosse o único — murmurou.

— Vai para a casa de Lucca ao amanhecer?

— Um pouco mais tarde — resmungou, ainda olhando a ruiva e o capo. Era Ciro Gianni, mas eu não estava aqui para falar com ele e muito menos fiscalizar como passava suas noites. Contanto que sua família continuasse dando lucro com a parte do negócio que lhe foi confiada ele estaria fora de problemas.

— Dante. — Vito apareceu, nos chamando enquanto dava a volta no balcão. — Luigi.

Meu irmão finalmente desviou o olhar e levantou a mão para Vito.

— Espere aí. — Luigi imitou o movimento que eu havia feito, segurando meu ombro. — Olhe para a ruiva outra vez.

Eu não esperava uma réplica da minha análise, mas era Luigi e ele não me deixaria em paz até devolver-me uma resposta.

— Estou olhando. — Repeti suas palavras.

Vito deu alguns passos atrás, acreditando que falávamos de algo importante e isso me fez querer sorrir. Luigi definitivamente era um idiota.

— A ruiva está entediada, cansada da vida e de paus em seus buracos, certo. Então por que diabos ela não cai fora?

— Provavelmente não tem escolha.

— Exato. — Ele virou-se para mim com um sorriso irônico. — Ela vai continuar aqui dia após dia, enfrentando cada um dos temas que eu decidir organizar depois de um sexo fantástico com a minha esposa que nunca fica entediada em me dar sua boceta, rabo ou boca. A ruiva vai ficar porque essa é a vida que ela escolheu e porque eu não me importo com ela ou qualquer outra das nossas putas, vou continuar fazendo o que faço de melhor.

— Criar entretenimento para nossos soldados.

— Sim! Assim eles, imbecis, e os capos vão continuar deixando dinheiro aqui e eu você e Lucca ficaremos mais e mais ricos.

— Faz sentido. — Dei de ombros. — Tenho cinco filhos, quanto mais dinheiro melhor.

— É, você tem cinco filhos, mas eu tenho duas meninas, o que significa que elas podem acabar com o meu dinheiro em uma semana mais rápido do que seus garotos e Antony juntos em um mês.

Fiz uma careta, compadecido e dei-lhe um aperto no ombro.

— Pensando por esse lado... você está fodido.

— Eu sei.

Dei uma última risada baixa para o meu irmão antes de vestir minha máscara de negócios.

— Vamos falar com Vito.



Luigi De Rossi

Tentei abandonar minhas emoções quando pisei no corredor do terceiro andar da casa.

Luxo rodeava as paredes do chão ao teto numa decoração ostentosa que nem mesmo minha esposa exagerada adquiriu para nós. Os quadros imensos destacaram-se no corredor e não me surpreendi a ver pinturas com a cara feia de Simone Tomaro, o dono da casa.

Aliás... morador da casa seria um termo mais adequado, afinal, eu e meus irmãos deixávamos que vivesse para ganhar dinheiro e pagar aquilo tudo. Me senti num circo e entendi por que sua esposa, Aida, sentia a necessidade de convidar pessoas para a sua casa a cada oportunidade que tivesse afim de mostrar sua gigante bugiganga de milhões de euros.

Entendi também o porquê Anita não comparecia, fora todas as outras razões.

Atrás de mim, Nino, meu homem de maior confiança depois de meus irmãos deu um curto aceno indicando que estava tudo certo para que eu agisse quando quisesse começar.

Dois anos atrás a hesitação que me pegou naquele momento não teria existido, eu jamais faria nada conscientemente ou propositalmente para prejudicar a *famiglia* ou desacatar as ordens de meu irmão. O que meu chefe me pedia, sendo meu sangue ou não, era superior acima do meu livre arbítrio e vontade própria.

Dois anos atrás eu deixaria uma foda boa sem dar um segundo pensamento a isso e uma mulher espetacular sem me importar, a não ser pelas bolas roxas. Mas largaria qualquer coisa caso Lucas precisasse de mim. Mas, hoje diante daquela casa, quando desci do meu carro senti algo diferente, comecei a pensar em diversos cenários, diferentes possibilidades.

O que foi mais um ponto para preocupação.

Nunca planejei nada, não tinha tempo ou desperdiçava meu tempo pensando no que estava prestes a fazer. Aquela parte ficava com Dante, ele era o cérebro. O filho da puta inteligente fazia com que as ideias de Lucca tomassem forma, ele era quem nós chamávamos se algo saísse do controle.

Aconselhar e manter a paz não era comigo. Dante deveria ser o nosso *consigliere*.

Enquanto eu apenas agia. Era o braço. Aquele que embora estivesse no comando junto aos meus irmãos, não me importava de sujar as mãos.

O cérebro, a força e o elo.

Sem pensar.

Sem hesitar.

Sem remorso.

Sem sentimentos.

Nenhum arrependimento batendo na porta quando acabasse. Eu poderia torturar e matar sem dar um segundo pensamento e sair para jantar com a camisa manchada de sangue. Ou pegar uma das prostitutas em um bordel e foder até que amanhecesse, até que eu precisasse matar novamente. E eu faria.

Sempre fiz.

Minha selvageria era a minha maior arma.

A forma como eu gostava do sangue e de seu cheiro, do jeito como escorria pela minha pele quente, fresco de um corpo que fiz o coração parar de bater sempre foi meu maior afrodisíaco.

Então por que aquela porta estava fazendo com que meus pensamentos explodissem fora de suas tabelas e travando meus pés no chão como se nem a força de um vendaval conseguisse me arrastar dali?

Eu sabia o porquê. Me questionar sobre aquilo era estúpido.

Cada detalhe da razão de minha hesitação estava em minha casa, dormindo tranquilamente como se nada no mundo pudesse atingi-las. E era

verdade.

Elena e Rafaela.

Assim como o garoto atrás da porta que eu encarava. O menino que confiava em seu pai para protegê-lo e estava prestes a perder sua inocência, juntamente com sua vida.

Simone não esperava a visita. Naquele momento estava em seu quarto dormindo o sono mais pesado que seu próprio corpo, roncava como um porco a ponto de eu poder tirar o silenciador da arma e meu tiro não o acordaria. O que diabos havia na cabeça estúpida do homem para deixar sua família tão desprotegida?

O pensamento me irritou a ponto de virar em direção a porta de seu quarto no final contrário do corredor. Ele merecia morrer.

E vai, eventualmente.

Se Lucca matasse nosso *capo* sem um motivo plausível ou até justificável, poderia causar um medo nos outros, e medo irracional levava a paranoia, que acabava levando a famílias se unindo a fim de tirar alguém do poder.

Ou tentar tirar.

Pensei em sua esposa acordando e se deparando com seu filho morto, os lençóis ensanguentados e os olhos arregalados de choque. Um único tiro na testa. Precisão calculista que tiraria sua vida no exato momento que eu puxasse o gatilho. Talvez ele não tivesse tempo nem de soltar um suspiro. Talvez sua última respiração nem sequer pudesse ser inspirada.

Click.

Fim.

Imaginei Anita acordando e percebendo que a vida de Elena ou Rafaela havia sido interrompida, roubada como eu roubaria a daquele garoto. Não mais corações batendo, nem suas respirações ofegantes enquanto corriam pela casa, sem mais gritaria ou momentos que fariam a minha esposa tanto rir quanto chorar com nossas meninas.

Você não tem o direito.

A parte humana de mim despertada por minha linda esposa gritava, consciente de que se eu fosse em frente e ela descobrisse, não me perdoaria.

Seu dever é com a famiglia.

Meu coração e alma rebatiam.

Eu me virei para Nino.

— Ligue para a minha casa e diga a Anita para pegar sua pistola e ir para o quarto das meninas.

Nino me deu um olhar conhecedor e sem precisar perguntar o motivo, deu um aceno curto. Sua expressão deixando claro que entendia cada pensamento viajando em minha mente.

— Chefe, precisamos nos apressar. — Fez uma pausa, analisando o meu rosto. — Suas meninas estão protegidas.

Suas palavras foram a confirmação que eu não precisava, mas aliviaram o peso mesmo assim. Eu sabia que ninguém seria estúpido o suficiente de invadir a minha casa e tocar em Anita ou em minhas filhas. Todos me conheciam mais do que o suficiente para saber que eu rasgaria cada maldita cidade atrás de quem o fez e os enviaria ao mais profundo inferno.

O inferno na vida.

E na morte.

Soldados rodeavam nossa casa, além de seguranças contratados que não me serviam por lealdade, mas por dinheiro. Esses eram mais difíceis de se tornarem ratos, afinal, não almejavam o poder na *famiglia* como soldados, capos ou capitães poderiam esperar. Civis nem sequer poderiam ingressar.

Embora meus soldados fossem fiéis, eu não confiava em ninguém, mas minha mente se agarrava ao conhecimento de que cada um deles já passaram o suficiente ao meu lado para dar suas vidas por elas caso fosse necessário ou caso eu pedisse. E eu pedi.

Abri uma porta no profundo da minha mente e empurrei para dentro todos os sentimentos.

Raiva.

Medo.

Insegurança.

Amor incondicional.

Até mesmo o peso de saber que a pessoa que vim encerrar a vida nessa terra não teve tempo ou chance de realmente começá-la. O garoto de 13 anos e ainda inocente, ainda distante de ser iniciado e muito longe de se tornar uma ameaça pagaria com a vida para que seu pai caísse.

Pagaria com sangue pelo sangue que seu pai derramou sem pedir para chegar onde chegou.

A primeira coisa que vi quando abri a porta foi um relógio em cima da cama. Era pouco depois das três da manhã.

Dia das Mães.

Eu sabia disso porque planos estavam sendo feitos e convites estavam sendo enviados há semanas, talvez meses.

Aida Tomaro encontraria seu filho imóvel na cama. Hesitei mais uma vez e me amaldiçoei.

Aquela era a forma certa de fazer o serviço? Mesmo que fosse só um serviço, a mensagem precisava ser entregue a Simone, mas eu não podia descarregar o monstro em minha porta naquele garoto. Não. Nem mesmo eu poderia.

Eu teria que deixar sangue e morte, caos, naquele quarto e encarar a minha família, não uma prostituta. E aquele garoto que nunca tocou uma arma não poderia sequer ser reconhecido em seu caixão enquanto eu e meus irmãos estaríamos olhando para ele durante o enterro como se não tivéssemos arquitetado e executado seu fim.

Aida era uma mulher desagradável em seus melhores dias e Simone ainda pior, mas seu filho merecia a minha misericórdia como uma criança inocente.

Ele tem que morrer para que a famiglia prospere.

Guardei a arma no interior do meu casaco, pegando um travesseiro no chão provavelmente caído enquanto ele se mexia em seu edredom temático de qualquer desenho que fosse. Me aproximei observando seu rosto pacífico. O peito subindo e descendo com a respiração calma. Seguro.

Francesco Tomaro de treze anos faleceu em 10 de maio durante a madrugada enquanto dormia por causas respiratórias. Isso era o quê o laudo diria.

Era morte mais honrosa que eu podia dar a ele.



Me aproximei da cama silenciosamente. Minhas filhas dormiam uma em cada lado de Anita, agarradas a ela com uma tranquilidade de quem não sabia nada sobre o mundo em que nasceram.

Dormiam em paz porque sabiam que sua mãe as protegeria e seu pai faria tudo por elas. Cada homem fora de nossa casa, que elas reconheciam e chamavam de “tio” eram suas garantias de que nada jamais lhes aconteceria.

Tomei um banho rápido tirando o suor e tentando apagar da minha mente os olhos arregalados que me fitaram quando acordou em pânico enquanto eu cortava seu ar.

Meu braço pegou fogo e olhei para o lugar, sentindo o aperto dos dedos do garoto me agarrarem outra vez.

Fiz uma prece sussurrada enquanto abria para ele a porta do céu. Se a minha não estivesse aberta para o inferno teria acontecido naquele exato momento e eu não me importava. Não realmente.

Saindo do chuveiro me enxuguei e coloquei uma roupa apenas pela presença de minhas filhas no quarto. Deitei-me no pequeno espaço que sobrou na cama e no mesmo instante Elena se virou para mim, acomodando-se em meu peito. O rosto angelical continha a infância que não lhe foi tirada como acontecera com o garoto e se dependesse de mim não seria arrancada nunca.

— Papai?

Passei a mão em seus cabelos, deixando um beijo na testa e pedindo

baixinho que voltasse a dormir. Ela chegou mais perto, ainda deitada de bruços para que pudesse segurar o braço de Anita com a outra mão.

Anita que dormia tranquilamente não sabia o que eu fazia em nome da máfia e se soubesse jamais me perdoaria.

Mas ainda assim eu era egoísta o suficiente para perguntar.

Sentindo um movimento ao seu lado, ela abriu os olhos, puxando Rafaela para mais perto do outro lado antes de me encarar com aquelas irises selvagens acalmadas.

Um sorriso suave curvou seu rosto, suavizando a cicatriz que por minha causa atravessava seu rosto. Hoje ela se encaixara. Era linda. Mas, enfrentamos aquele fantasma por um longo tempo, até conseguirmos seguir em frente.

Ela me analisou por um momento, e é claro que faria. Me conhecia melhor do que qualquer pessoa viva. Melhor do que meus próprios irmãos ou do que eu mesmo.

— Quão ruim foi? — perguntou baixinho, não querendo acordar nossas filhas.

Eu levei um minuto para responder.

— Você deveria me deixar.

Ela franziu o rosto, indicando que por minhas palavras havia entendido que algo grande o suficiente para me perturbar aconteceu.

— Jamais. — Foi sua resposta.

Eu sabia, mas não deixaria que fosse mesmo que merecesse.

Tirei a mão da cabecinha de Elena e segurei a mão que minha esposa usou para acariciar meu rosto, a puxei para meus lábios, beijando seus dedos.

— Preciso do seu perdão.

Ela baixou os olhos, tirando a mão de meu aperto para levá-la ao meu coração. Um sorriso triste repuxou seu rosto.

— Te perdoei no dia que me casei com você e esse perdão não tem data de validade.

Ela me amava e apenas esse amor lhe fazia fechar os olhos para tudo o que odiava na *famiglia*. Apenas aquele amor a permitia ignorar o quão errado eu e meus irmãos éramos e quão abominável nossas ações podiam ser.

Era apenas por aquele amor torcido, retorcido e distorcido que me daria o seu perdão como havia feito todas as vezes que eu pedi.

— Perdoe a si mesmo e siga em frente. — Ela fez uma pausa para olhar nossas filhas — Você precisa deixar a escuridão de seus pecados lá fora para que não alcancem nossas meninas, apenas se isso acontecesse eu não o perdoaria.

— Acha que existe alguma chance de não as alcançar de qualquer jeito? — Me doía dizer aquilo, mas era a realidade que ela conhecia.

— Não. Elas nasceram na *famiglia* e sempre estiveram condenadas, por isso vou perdoá-las como os nossos pais não fizeram conosco.

Eu vi razão em suas palavras e verdade em seu olhar.

Ela estava certa.

No fim, as minhas filhas estavam tão destinadas a destruição quanto o filho de Simone Tomaro.

A única coisa que podíamos fazer era proteger aquela inocência, aquela luz pelo máximo de tempo que pudéssemos.

Minhas filhas condenadas em vida.

Franccesco Tomaro em morte.

Eu não sei qual dos dois era pior.



Abriela De Rossi

Apollonia de Nino Rota tocava no meu celular, a playlist que Lucca criou para si mesmo em meu telefone já fazia parte da minha lista de favoritas, como poderia ser o contrário? Era tão tocante, sensível... forte, ao mesmo tempo.

— Me faz lembrar de você. — Foi o que ele disse quando descobri a lista de músicas em meu telefone e lhe perguntei sobre aquilo.

Apollonia por algum motivo foi a que mais me chamou atenção, talvez por nos primeiros sopros da flauta ter me feito chorar como se estivesse vivendo o momento mais triste da minha vida.

— Um italiano compôs.

— Eu sei.

— Italianos são bons em tudo o que fazem.

E ali estava.

Ao longo dos anos, se algo me fez superar meu amor por ele, foi sua adoração pela Itália. Era lindo. Nossa eternidade, até que ele fosse tirado de mim ou eu dele, só acabaria com a decisão maior. *Di Dio*.

Em nosso segundo ano de casamento, Lucca deixou a *famiglia* sob o controle de seus irmãos e me levou para subir as montanhas da Sicília, um lugar onde eu nunca havia pisado antes, onde havia mais árvores e pedras do que pessoas para admirá-la, e mais céu do que pássaros para voar lá em cima. Uma imensidão.

Ele amou tanto através de seus olhos, que vi sua respiração acelerar de orgulho, seu peito inflar ao inalar o cheiro daquele lugar, senti na pele o aperto que me dava cada vez que uma brisa de vento batia em nós.

Ele usava uma calça simples, camisa de botões meio aberta e um sapato

feito por um morador local, e se eu não tivesse o conhecido por ser o infame chefe da máfia, teria certeza de que ele era um camponês.

Talvez, em outra vida tenha sido, e eu fui alguém por quem ele se apaixonou enquanto caminhava por aquelas terras.

Os belos campos da Sicília, como ele dizia.

Do jeito que meu coração batia por ele, eu tinha certeza de que o sentimento veio e era para além de outras vidas.

— *Baciami*. — Beije-me. — Ele mandou quando abaixou o rosto, afundando em nossa cama em cima de mim. Eu agarrei os cabelos em sua nuca, fazendo de bom grado o que me era pedido.

Suas mãos viajavam pelo meu corpo como se explorassem, como se não o conhecesse mais do que eu mesma. Envolvei minha perna em volta de sua cintura, fazendo meu núcleo esfregar em seu membro rígido e ofeguei, incentivando-o a afundar ainda mais no beijo, sua língua dominando minha boca como se não tivéssemos acabado de fazer amor.

Como se não estivesse quase amanhecendo e ele não precisasse levantar-se em poucas horas.

Mas Lucca não se importava. Não. Tudo o que valia para ele era que eu levantasse daquela cama muito consciente de que meu corpo enviaria sinais de sua presença nele durante o dia todo.

Eu amava aquela possessão, o conhecimento de que ele fazia para insistir em me lembrar de que eu lhe pertencia? Como poderia esquecer?

Eu sorri ao pensar naquilo e ele afastou o rosto, os olhos azuis intensos, dilatados encarando-me com amor incondicional, bruto. *Selvagem*.

— Qual é a graça, *bella mia*?

— Nada, eu só me pego pensando em como te amo. Me pergunto como ainda não explodi com esse sentimento.

Ele inclinou a cabeça me avaliando, a boca numa linha apertada. Aproveitando o meu estupor para deslizar novamente no interior do meu corpo receptivo, encharcado. Eu pulsava ao seu redor, meus olhos reviraram de prazer. *Meraviglioso*.

— Eu sinto o mesmo. Ainda mais.

— Não, Lucca, é impossível. Meu coração qualquer dia vai parar de bater, simples assim.

Não é o que acontece quando ele dói tanto? Quando parece que vai sair pela boca? Quando faltam palavras para expressar ou raciocínio o suficiente para entender o que era tal coisa?

— Você não pode. — Rosnou, sorriu aquele sorriso torto, sutil e arremeteu com força, erguendo o meu corpo na cama, nossos lençóis de seda negros como o seu coração escorregando sob a minha pele. — Você, Abriela DeRossi, é responsável por um país.

Eu sorri em meio a um gemido, cravando as unhas em seus ombros, mas aguentei a pressão sem fechar os olhos, ele não permitia isso.

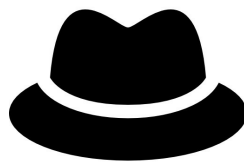
— Não sou *il capo*, você é.

— Você me controla, senhora DeRossi. Se não tenho você, serei obrigado a destruir a única outra coisa que amo no mesmo nível. Minha amada Itália.

— Então é melhor que eu fique ao seu lado para sempre — sussurrei, escondendo um sorriso.

Ele parou de se mover por um momento, mas foi tão rápido e de repente estava sério novamente, e me virou, arrebatando o ar dos meus pulmões quando me penetrou mais forte dessa vez.

— Sim, *per sempre*.



Ele estava tão distraído que nem percebeu quando comecei a tirar as fotos. O peguei nos momentos mais espontâneos, sorrindo feito boba cada vez que capturava uma feição diferente do meu Lucca.

Se ele soubesse dessa câmera, ou mesmo das inúmeras fotos que já tirei sem que percebesse apenas para admirá-lo, apagaria todas e começaria a encher a memória tirando fotos minhas. O tipo de vingança que na cabeça do meu lindo marido daria certo.

Enquanto esperava Dante e Luigi para buscá-lo, ele analisava alguns papéis espalhados em cima da mesa. O homem mais poderoso que eu conhecia bem ali, a mercê da minha câmera que eternizaria aquela visão fantástica para sempre.

— O que está fazendo? — Ele perguntou sem levantar a cabeça, travando-me no lugar.

— Observando a paisagem.

Então me olhou, tirando-me o fôlego como sempre fazia quando aquela imensidão azul focava em mim.

— *Bella mia*, não pensou que era a única com uma câmera por aí, pensou? —

Surpresa, adentrei o escritório e dei a volta na mesa, ficando a dois passos dele.

— Você não ousaria, Lucca DeRossi.

— Ah, mas eu ousei. E com certeza são mais... apimentadas que esse seu álbum de utilidade pública.

— Eu quero ver — ordenei, porque ele podia ser o chefe da *famiglia* lá fora, mas aqui dentro, em nossa casa, eu era a única a tomar as decisões e me aproveitava disso.

Eu estava esperando uma resposta quando a campainha tocou. Ele me ofereceu um de seus sorrisos matadores, franzindo levemente os olhos azuis cristalinos e beijou o canto da minha boca, sussurrando em meu ouvido:

— Terá que merecer.

Então saiu como se nunca tivesse estado ali e o único sinal que tive de que aquilo aconteceu foi porque quando gritei seu nome, sua risada ecoou pela casa, trazendo um sorriso ao meu rosto.

Olhei a câmera, achando graça de ter sido tão cuidadosa e ainda assim ele sabia o tempo todo.

Mas até aí, o que é que ficava escondido de Lucca DeRossi, não é mesmo?

O telefone da casa começou a tocar quase imediatamente, esperando que não acordasse Antony, fui atender. Meu ursinho havia ido dormir há pouco tempo e eu esperava que tirasse um cochilo de pelo menos quarenta minutos. *Dios* sabia que com o dia das mães chegando eu ainda tinha muito a fazer.

Minha ideia era fazer algo discreto, assim como nos últimos quatro anos, mas Aida não perdeu a oportunidade de esfregar na minha cara como seu último feriado foi perfeito. Que a festa retumbou aos ouvidos do nosso povo por semanas, que nenhuma esposa seria capaz de repetir seus feitos.

Eu quase incarnei minha irmã, perguntando-me por que de todas as balas perdidas, uma delas não podia acertar Aida. O pensamento era horrível, eu sabia, e meu padre me faria pagar por pecar assim, mas não podia evitar. E o que eu podia dizer? Eu era casada com o chefe da *Cosa Nostra*.

A parte doce que existia a mim se restringia a poucos e esses eram chamados de família de sangue. Não escória como Aida Tomaro, Gema Fraccele e Leana Graziano. Parecia que foi ontem que eu estava indo apresentar Antony a *famiglia*, aterrorizada que alguém fosse descobrir meu segredo e de meu marido e aquelas três pioraram ainda mais meu dia com seus comentários e olhares.

Sim, uma bala perdida não faria mal a ninguém.

— Sì?

— Eu estou ficando louca, porra! Por que é que todos os anos essa mesma merda acontece?

Sorrio, ao ouvir o mesmo monólogo repetido.

— Chama-se data comemorativa, Anita. O que significa que todos os anos você terá o tão esperado dia das mães para aproveitar.

— E quando é que começa a ficar bom? Onde estão os meus mimos, meu dia no *spa*? Um presente foda e sei lá... um café na cama pelo menos?

Ah, então era ali que morava o problema. Luigi não se lembrou.

— Ele pode estar preparando uma surpresa para você, irmã.

— Não, ele não está. — Enquanto ela falava, me movi para meu celular e digitei uma mensagem rápida ao meu cunhado, lembrando-o não tão delicadamente sobre a importância do dia de hoje. — Aquele filho da puta só se lembra de seus próprios interesses. — Ela começou a divagar — *Ei, querida, que tal uma viagem com suas amigas e irmãs e eu cuido das crianças? Ah, não, quer saber? Apenas continue esquentando minha cama que está bom assim. Maledetto.*

Mordi o lábio, refletindo sobre suas palavras e revolta. Também não ganhei café na cama e dia no *spa*, mas meu marido tinha um tino especial para fazer surpresas. Às vezes, em meu aniversário, ele passava o dia comigo, mas só me felicitava e entregava seu presente faltando uma hora ou menos para acabar o dia. Não que isso interferisse em algo, afinal, ele sempre fazia tudo ser incrível a ponto de eu esquecer qual o motivo de tanta dedicação.

— Juro por Deus que se Luigi chegar perto de mim com aquele pau desgarrado sem um preservativo vou castrá-lo com uma de suas preciosas facas!

— Isso parece diferente do discurso da semana passada, quando planejava ter outro filho.

— Bem, sim, isso foi antes de eu querer o divórcio. As filhas dele sequer tem educação!

— Quantos Rafaela sujou dessa vez? — Me referi aos vestidos. Parecia até um ritual da pequenina.

— Cinco! — gritou, e eu podia imaginá-la puxando os cabelos — Ela jogou um pela janela, enfiou o outro na privada, rasgou o terceiro, vestiu aquela boneca horrorosa que Dante a deu com o quarto e estava tirando o quinto quando fui até lá!

— Tire da boneca e a vista de volta.

— Uau, Ella... como foi que não pensei nessa ideia brilhante? Ah, já sei! Foi porque ela pegou as minhas maquiagens e lambuzou aquele *vudu* com elas, acabando com o vestido no processo!

Cai na gargalhada, não podia evitar. Minhas sobrinhas eram as mais belas *ragazzas* da *famiglia*, duas belezas impressionantes, assim como Anita e Alessa eram quando pequeninas, mas também tinham seus humores e

personalidades.

— E Elena? — perguntei, dando o máximo de mim para não tirar sarro de sua situação. Antony virava a casa do avesso, mas nos momentos de arrumá-lo para compromissos, ele facilitava, pelo menos um pouco. E caso estivesse em um dia difícil, um simples pedido de Lucca para que se comportasse facilitaria meu trabalho.

O que não acontecia com Luigi.

Elena e Rafaela, ou probleminha e princesinha como foram carinhosamente apelidadas, pintavam e bordavam com a cara do *consigliere* da máfia. Não que alguém de fora soubesse disso, é claro. Havia coisas, como sempre, que eram ditas apenas quando estávamos entre nós seis, entre família.

— Elena está em frente à minha penteadeira me olhando surtar como uma perfeita daminha. Eu juro por *Dio*, que essa menina é a reencarnação do espírito gêmeo de Alessa.

— O espírito gêmeo de Alessa é você, Anita.

— Então quem é que está em Rafaela?

Comecei a rir.

— Uma adolescente rebelde que ama tirar a mamãe do sério.

Ouvi uma vozinha rouca chamando do topo da escada e sorri instintivamente.

— Preciso ir, querida. Fique calma, ok? Essas duas te amam assim como você é louca por elas, não deixe Luigi tirar sua paz.

Ela demorou um pouco a falar, mas quando o fez, sua voz estava mais calma.

— Eu o queria aqui comigo, só isso.

— Se Lucca o tirou de casa hoje, foi porque precisava, você sabe.

— É, eu sei, seu marido é o pelo encravado na poupa da minha bunda, aquele que não consigo tirar nem com uma pinça forjada do fogo do inferno.

Com mais uma explosão de risos e revirando os olhos, estiquei a mão

para Antony, pedindo que ficasse ali, pois eu já estava indo. Eu sempre iria para o meu bebê.

— Boa sorte com isso. Ouça, Antony acordou. O meu pequeno anjo tranquilo e silencioso que veste as roupas quando eu mando — zombei dela mais para provocar, pois ela sabia bem que tinha dias que eu simplesmente não conseguia encontrar uma forma de fazer o meu ursinho colaborar.

— Vaca conveniente — dito isso, desligou e eu subi as escadas com uma rapidez impressionante, alcançando o meu pequeno homem.

— Bom dia, meu bebê, você teve um bom cochilo?

Ele coçou os olhinhos, bocejando antes de assentir.

— Onde está o meu papai?

Essa era sempre a primeira pergunta. Não importava o que acontecia ao redor ou onde estávamos. Antony Lucca abria os olhos e perguntava por seu pai. *Meu papai*.

— Papai precisou sair com tio Luigi e tio Dante.

— Ele foi trabalhar?

— Ele foi, bebê. — Acariciei os cabelos impressionantemente pretos e observei enquanto ele acordava, os olhinhos azuis cristalinos olhando ao redor antes de finalmente parar em mim. Ele jogou os braços no meu pescoço, colocando a cabecinha em meu ombro.

— Oi, *mama*.

Eu sorri.

— Olá, ursinho.

— Ainda *tô* com sono.

— Você sempre está. — Rindo baixinho, me levantei carregando Antony comigo até o seu quarto.

— Ax pode vir aqui hoje, *mama*?

— Ele vai vir, filho.

— E Miguele?

— Também.

O deixei na cama, indo até o closet para procurar o que ele vestiria hoje. Antony tinha um *stylist*, assim como eu, mas o homem foi dispensado hoje. Era o meu dia e eu queria ser a única a decidir como o meu bebê estaria vestido para mim.

— Rafa e Elena também?

— Sim, bebê.

— Hum... E Romeo? — Agora ele estava apenas sendo um espertinho.

— Uau, você quer todos eles aqui, hein?

— Sim — Antony começou a pular na cama, o sono já passado e sua energia estava revigorada.

Eu que lute.

— E eles vão comer todos os seus doces.

— Eu não me importo de dividir.

— E seus brinquedos...

— Não ligo muito para eles. Posso esconder apenas o Senhor cabeça de batata?

— Ele é seu novo melhor amigo?

— Sim.

— Então, tudo bem.

Eu sabia as respostas para tudo o que perguntei antes mesmo que ele as dissesse. Meu filho não era egoísta, nem uma vírgula disso. Surpreendentemente, as lições sobre dividir tudo o que era dele, vieram de seu pai. Lembro-me quando Antony falou sobre não querer que Ax brincasse mais com seus brinquedos, pois seu primo havia quebrado o melhor amigo da semana.

Estávamos jantando e Lucca deixou tranquilamente o garfo e faca na mesa, tomou um gole de água e limpou o canto da boca com a ponta do guardanapo antes de encarar nosso filho.

— Você é o príncipe da nossa terra, Antony. O que significa que é seu dever dividir.

— Mas ele quebrou. — Nosso filho choramingou, e eu me contorci na cadeira querendo alcançá-lo, mas como se já esperasse por isso, Lucca me deu um olhar que pedia paciência e compreensão sobre o que ele estava tentando fazer aqui.

— Eu sei, Antony. E podemos comprar outro, mas Axel virá e continuará brincando com seus brinquedos, assim como você vai usar os dele quando for na casa de seu tio Dante.

— Mas se ele quebrar outro eu vou ficar muito irritado, *papa*. — O rostinho franziu inteiro, espelhando como se sentia realmente chateado de ter seu brinquedo favorito do momento tirado dele.

— Você dirá a ele para ter cuidado. Pedirá que cuide dos seus como você cuidaria dos dele. Quando cresceram, tomarão esse cuidado de um para o outro e não vão deixar a raiva tomar conta.

Era uma conversa fácil para uma criança de cinco anos entender. Compartilhar, ter paciência, compreender. Mas, aquilo estava muito além do cenário básico. Lucca estava treinando o nosso filho sutilmente, e eu não sabia como me sentia sobre isso.

— *Mama*, por que aquelas pessoas estão na cozinha?

Voltei ao presente, pegando o cinto combinando com a calça e os suspensórios e voltei ao quarto. Ele estava deitado com a cabeça para baixo, tentando alcançar o chão com os bracinhos pequenos.

— Você vai se machucar, pare com isso — pedi suavemente. — Hoje é um dia especial e as pessoas estão preparando um banquete.

Antony tentou se impulsionar para cima, mas não teve forças e caiu, batendo a cabeça com tudo no tapete felpudo e torcendo o braço de uma maneira que na hora pensei ter quebrado. Fechei com uma corrida rápida a distância curta entre nós e o peguei, acalentando em meu colo quando o choro surgiu.

— Shi... tudo bem, bebê, passou, passou, *mama* está aqui. *Mama* está aqui.

Observei meu reflexo no espelho que cobria a porta do closet e a imagem que vi, fez esse dia fazer todo o sentido.

Meu filho chorando por mais uma de suas macaquices, agarrado ao meu pescoço como se aquela fosse a queda mais profunda que já teve na vida e nada tivesse doído mais.

Nos dois primeiros anos de sua vida eu entrava em absoluto pânico a qualquer sinal de dor de Antony. Queria chamar o doutor e até correr para o hospital, mas com o tempo, fui aprendendo que muitas vezes o susto era maior, assim como minha própria ânsia de fazer tudo perfeitamente.

Eu era mãe de um menino. Qual a chance de tudo ser perfeito?

Antony era tranquilo em sua essência, mas tinha seus dias de bagunça, de teimosia, de achar que era o próprio homem aranha misturado com o superman, e assim, deixava-me de cabelos em pé.

Minha mente viajou para além disso. Para o fato de que hoje era o dia dela também. Por mais que eu tentasse não pensar naquele nome, ele vinha como uma maldição, lembrando-me que eu só comemorava essa data por causa dela. Minha necessidade de agradecer era até ridícula e quando 10 de maio chagava, eu ficava dividida entre uma felicidade que vibrava fora do peito e o medo absoluto de que algo podia por tudo em risco.

Stefa estava morta.

Lucca garantiu isso e eu nunca pedi por detalhes, não precisava deles.

Eu não podia ser mãe e o desespero me tomou na constatação disso anos atrás. Então ela surgiu como um milagre. Honestamente eu não achava que teria recusado sua proposta mesmo se Lucca a tivesse engravidado depois que nos casamos.

Eu não aceitaria uma traição, mas se isso desse a ele um filho? O filho que eu não podia ter? Sim, eu o pegaria para mim. O que seria feito com sua mãe não me importava, contanto que ela desse à luz ao filho de Lucca. Minha única chance de realizar meu sonho.

E assim foi feito.

Implorei a ele para me deixar ter o seu filho e sendo ele, Lucca me deu uma escolha.

Ele ou sua mãe biológica.

Fitando novamente o meu pequeno homem em meu colo, acalmando-se enquanto buscava refúgio em meu conforto, eu jamais me arrependeria da escolha.

Acabaria com a vida de Stefa eu mesma e não olharia para trás.

Feliz dia das mães para mim.



Anita De Rossi

Colocando o telefone de volta na base, olhei para a cama do quarto de hóspedes bagunçada e sorri, lembrando-me que ontem Luigi e eu estávamos com tanta pressa que sequer chegamos ao nosso quarto para nos despir e começar o que fazíamos de melhor juntos.

Amor.

Como poderia imaginar que menos de três horas depois estaria perseguindo uma das espertinhas a quem dei a vida? Jesus Cristo. Só de lembrar daquelas horas de parto empurrando-as para fora me dava vertigem. Eu honestamente não vi a beleza do parto, apenas quando as segurei e olhei naqueles dois pares de olhinhos, mas antes disso? A dor era tudo o que lembrava.

Minha vagina ficou tão aberta que *Dio* sabe o que mais poderia ter saído dali, ou entrado, como Luigi dizia.

Meu marido não facilitou para mim, é claro. As piadinhas foram incessantes pelo menos até as duas completarem cinco meses, então ele parou, acho que percebendo que a privação de sono, dor nos seios e estresse me faria dar-lhe um tiro a qualquer momento.

Mas eu era grata. Caramba, como eu amava aquelas duas menininhas.

Elena segurou minha mão bem forte, rindo baixinho e segurando sua boneca no outro braço.

— Onde acha que sua irmã se enfiou, meu bem?

— Na casa da árvore!

— Boa tentativa, mocinha. — Entrei no próximo quarto, constatando que Rafaela não estava ali, saí e continuei minha caminhada pelo corredor.

— Eu juro, mamãe! — Ela tentava falar sério para conseguir acobertar

sua irmã, mas a risada estava em todo o rosto.

— Rafaela, se eu tiver que ir até aí... — gritei, não terminando a frase e sua risada soou no corredor como uma bomba. — Aquela coisinha — murmurei, segurando o riso conforme me aproximava mais do meu quarto e sua gargalhada ficava mais alta, incontrolável.

Elena falhava nos passos, já sem força de tanto rir.

Foi por isso que não demorei a pegá-la. Elena era péssima em se esconder, enquanto Rafaela podia passar horas em um canto e só seria encontrada quando quisesse.

Na outra mão eu segurava os três vestidos que consegui recuperar, esperando que minha filha não tivesse acabado com o último que consegui vestir antes de ligar para a minha irmã e as duas terem a deixa de correr.

Eu estava exausta. Tivemos uma festa do pijama, o que foi ótimo, mas essa manhã eu só queria dormir e mais do que isso, queria que as duas dormissem um pouquinho mais também.

Não, ninguém me prometeu que ser mãe seria flores e fogos de artifício o tempo todo, mas eu esperava que na idade que estavam, ficassem um pouco mais... compreensivas. Eu não queria ter que recorrer a uma babá, mas começava a considerar isso.

Goretti se revezava estando uma vez por semana, assim como fazia com minhas irmãs. Às vezes, passava mais na casa de uma ou outra, mas ter só um dia de tranquilidade para fazer algo além de correr pela casa inteira e lidar com meus dois furacãozinhos? Definitivamente não era o bastante.

Entrei em meu quarto, sabendo pelo volume na minha cama que ela estava escondida debaixo do edredom. Elena soltou minha mão e correu para se juntar a sua irmã.

— Vou contar até dez e quero as duas na minha frente.

— Já estamos na sua frente, mamãe. — Rafaela brincou, risadinhas soando junto.

— Um...

As duas começaram a cochichar, ainda rindo. Comecei a me acalmar, as duas queriam brincar e eu entendia isso, mas passamos as últimas horas

brincando após Luigi sair, então a luta começou a partir do momento da escolha dos vestidos.

— Quatro...

— Conte mais devagar, *mama*. Estamos tendo uma *rounião*! — Elena gritou.

— *Reunião*, meu bem. Cinco.

O silêncio reinou, apenas a minha voz contando se fazia presente. E quando imaginei se teria que recorrer a ameaça de retirar brinquedos, Elena descobriu a cabeça, se sentando antes de arrastar-se para a beirada da cama e ficar na minha frente. Ela olhou para baixo, com os lábios franzidos querendo rir e esperou a irmã se juntas a nós.

Eu estava prestes a agradecer sua compreensão quando Rafaela veio para nós, e não apenas seu vestido estava acabado, como também a franja estava toda torta.

Corri para alcançá-la, ajoelhando em sua frente.

— O que houve com seu cabelo?

— Eu cortei um pouquinho. — Ela juntou os dedos, sinalizando que foi realmente pouco. Mas, não era esse o problema, se ela me pedisse para ficar careca, eu deixaria.

Vivi sem poder escolher se queria um tênis rosa claro ou rosa escuro, prometi para mim mesma que jamais faria isso com minhas filhas.

Mas Rafaela correndo pela casa e brincando com uma tesoura? Isso me fez cair dos meus joelhos de bunda no chão, abaixando a cabeça quando a garganta apertou. Que porra de mãe eu era?

Dia das mães era uma piada.

Meu bebê estava brincando com uma maldita tesoura, deixando-a perto dos olhos, da cabecinha, e com um simples deslize podia ter se machucado gravemente. Ela mal conseguia pintar sem borrar para fora dos contornos de um desenho ainda. O que... me senti decepcionada. Tão decepcionada comigo mesma que chorei.

No momento em que elas me viram soluçando e as lágrimas começando

a cair, pararam de rir.

Elena parecia que ia desabar junto comigo a qualquer momento, enquanto Rafaela se aproximou e sentou-se no meu colo, em uma perna.

— Desculpe, mamãe. — O lábio inferior tremeu e imediatamente me senti um lixo. Sentada no chão do quarto das minhas filhas ainda de pijama, brigando com elas por serem crianças. Crianças que eu nunca coloquei limites e agora queria que agissem com a educação que não dei devidamente.

Cristo. Luigi e eu éramos uma droga.

— Não é culpa sua, minha bebê. — Abri os braços e a acolhi, chamando Elena para o outro lado. Ela sentou-se na outra perna e rodeou-me com seus braços também. As duas apertaram-me com os bracinhos gorduchos, como sempre faziam. — Só me prometa, prometam as duas que não vão brincar mais com tesouras. Nem tesouras, facas ou qualquer coisa afiada que pode machucá-las. Entenderam?

— Eu juro, mamãe. — Elena foi a primeira a concordar.

Rafaela assentiu freneticamente, me olhando nos olhos.

— E eu também não deveria ter colocado o vestido na Euréca.

— Não, não deveria, mas a mamãe também não devia ter acordado gritando com vocês duas.

— Eu te perdoo. — Ela alisou meu cabelo e falou com seriedade, me arrancando um sorriso.

— Ah, é? Então eu acho que mereço um beijo.

— Mas, você vai lambe minha bochecha, mamãe?

— Não. — Levantei a mão, mostrando apenas o dedo mindinho — Prometo de dedinho.

— Promessa de dedinho babado. — Ela fez o mesmo, mas lambeu o dedo, deixando um brilho de baba ali. Eu fiz uma careta forçada e um “ewh” do fundo da garganta, arrancando uma gargalhada do meu probleminha.

Então ela virou o rosto, oferecendo a bochecha e quando me aproximei, coloquei a língua para fora e deixei encostar em seu rosto.

— Mamãe! — Ela gritou e saiu correndo, sua risada ecoando pelo corredor.

E eu corri atrás das duas.

Fazendo uma pausa antes de sair para perceber que não podia reclamar das minhas filhas, sendo que o que elas estavam se tornando era um reflexo meu e de seu pai.

Com um sorriso enorme, voltei a correr.

Droga maldita, eu amava isso.



Alessa DeRossi

Olhei para meu lado esquerdo, onde Giorgia estava segurando a pequena pistola e assenti.

— Pronta? — Perguntei.

— Mais do que nunca estive.

Fitei Goretti do lado direito, que segurava uma arma um pouco mais cumprida e nos protegi com a única coisa que encontrei em nossa corrida para lá, uma almofada. Me preparei para empurrar a porta e lá dentro, ouvi o silêncio absoluto, o que por si só foi uma suspeita de que haveria toda uma estratégia montada. Eu sabia que seu líder era inteligente para fazer isso em poucos segundos.

— Vocês mexeram com o que não deveriam, estamos indo cobrar o preço! — gritei e empurrei a porta dupla pesada e então o mundo explodiu ao redor.

Ok, foi apenas a sala, mas ainda assim.

Soldados de todos os cantos se levantaram, atirando em mim, em Giorgia e Goretti. Me protegi como pude, desviando o máximo enquanto observava as duas caindo após serem atingidas, mas sabia que era uma questão de tempo.

Eu estava me desviando, correndo de um lado para o outro, esperando que a luta acabasse para começar a atingi-los com meu escudo e...

— Renda-se! — O grito veio atrás de mim, e virei lentamente, reconhecendo que estava acabada.

Quando fiquei de cara com o líder dos soldados, o olhei nos olhos e levantei as mãos em rendição, mas ele puxou um sorriso lento, banguelo e puxou a trava, atirando água em mim.

— Nãoooo, Ax! — Caí, tentando proteger meu cabelo já preparado para sairmos, mas foi em vão. Todos os soldados miraram e começaram a atirar em mim. Os barulhos eram esguichos de água que não paravam de chegar, eu me contorcia de rir e implorava misericórdia, mas aqueles eram meninos DeRossi, eles só parariam quando a água acabasse.

Digamos que era uma vingança contra todos os banhos que eu os obrigava a tomar e todas as aulas de disciplina e etiqueta que forcei cada um a fazer.

Os meus cinco filhos, por Dio. Foi difícil, mas foi uma benção.

— Renda-se! — Axel gritou novamente, tentando segurar a gargalhada que estava na ponta da língua.

— *Va bene! Va bene!* Eu me rendo! — Completamente encharcada e sentindo um cheiro forte de detergente, estreitei os olhos para eles. — Seus monstros, eu me rendo!

Com um grito de vitória, Axel, Pietro, Romeo, Miguele e Giovanni se jogaram em mim em um montinho que tirou meu ar, ao mesmo tempo que suas gargalhadas vibravam por todo o meu corpo.

— Já chega, rapazes! — Minha sogra interveio — Vocês vão esmagar sua *mama*.

— Nonna. — Giovanni, meu caçulinha a chamou e Giorgia rapidamente o tirou debaixo de Miguele, e eu tirei um por um delicadamente antes de levantar-me.

Respirando profundamente, olhei minha roupa arruinada e senti a água escorrendo do meu cabelo para a testa e suspirei, balançando a cabeça.

— Por que concordei com isso?

— Com um monte de filhos ou com a brincadeira quando já estavam todos de banho tomado para sair? — Goretti perguntou, fazendo minha sogra rir.

— Quem foi que disse que eu concordei com um monte de filhos? — Ergui as sobrancelhas em direção a Giorgia — Seu filho simplesmente os colocou lá.

— Colocou aonde mamãe? — Romeo perguntou.

— No chuveiro — gritei, afinal, eu era uma especialista em fugir de assuntos dos quais ainda não era a hora de falar sobre. — Quem chegar lá por último vai ficar sem sobremesa por trezentos anos!

Com um grito coletivo do meu pequeno exército entoando seus “não”, saí em disparada para o meu quarto, onde o chuveiro era quadruplo e soltava quase uma cachoeira de água, entrei de roupa enquanto minha sogra e Goretti ajudavam-me a tirar as roupinhas dos cinco, então a festa do banho começou.



— Mãe, por que tenho que usar isso? — Axel perguntou. Me encolhi com saudade do “*mama*”, mas meu mais velho estava passando pela fase da adolescência infantil. Nada de beijos, de abraços e muito menos me chamar dos nomes carinhosos que antes eram cotidianos.

— Não só você como todos os seus irmãos têm que usar porque ficam lindos.

— Não quero ficar lindo, quero usar minha fantasia do *Pantera Negra*.

— Bem, querer não é poder. *Mama* manda e meus bebezinhos obedecem.

— Não sou um bebê. Pietro é!

— Ele é mesmo — concordei, escondendo um sorriso.

— Não sou não! — Pietro se defendeu de dentro do meu closet. Meu quarto estava uma bagunça de pequenos homens, ternos e camisas sociais minúsculas esparramados.

— Miguele, deixe as abotoaduras no lugar. — Giorgia mandou, e como se a voz de sua *nonna* fosse a voz de *Dio*, ele obedeceu com um leve revirar de olhos.

— *Mama*, o meu pai vai voltar que horas? — Com um grito e batendo a porta do meu quarto a ponto de fazer-me dar um pulo, Romeo entrou e

passou a toalha no cabelo, dançando enquanto Goretti corria atrás dele para colocar o resto de suas roupas. O merdinha usava apenas a cueca e a calça estava do lado errado. Eu ri feito uma idiota, deixando-o saber sem querer que era engraçado.

Giovanni se juntou a ele e pouco depois, Axel correu para fora do meu alcance e começou a dançar junto com seus irmãos. Uma sinfonia de cinco gargalhadas diferentes começou e eu me sentei na cama, questionando a mim mesma se caso fugisse para o Havaí em busca de paz e tranquilidade alguém perceberia.

Vindo do closet com uma mão ocupada segurando minha patela de maquiagem e na outra, um pincel, Pietro veio dançando e sorrindo, batendo o pincel na minha preciosa sombra cara.

Sentei-me na cama e observei Giorgia e Goretti correrem atrás deles, tentando pará-los, mas os cinco eram tão engraçadinhos que suas risadas as denunciavam.

Dia das mães, sim? Irônico.

Os cinco eram cópias de Dante e de mim, muito mais parecidos com seu pai fisicamente, é claro.

Axel se destoava disso. Cada dia eu via mais a personalidade de seu tio nele, Luigi era uma presença constante em nossa casa. Onde uma das crianças estavam, as outras estariam também.

Se Antony viesse para a nossa casa, Elena e Rafaela pediriam para vir. Se eu levasse meus meninos até Anita, Abriela teria que levar Antony, e assim por diante.

Romeo era romântico como o seu pai. Tratava-me, e a todas as mulheres como se fôssemos especiais e únicas para ele.

Miguel era o mais obediente, eu achava que ele tinha um pouco de mim e Dante em sua personalidade, mas meu menino cresceu por si mesmo também, sendo algo que ele não puxou de ninguém.

Pietro e Giovanni eram os piadistas. Eu não via um sem o outro estar junto e eles eram sempre as primeiras vozes a serem ouvidas pela manhã e as últimas de noite.

Axel era Axel. Meu menino rebelde.

Eram muitas crianças e em grande parte, Dante e eu éramos culpados disso. Porém, é claro, eu jamais me arrependeria dos meus filhos. Não quando passei por tanto para tê-los.

Sabendo que não conseguiria controlar aquela situação por mim mesma, decidi recorrer a quem tinha tal poder. Pegando meu celular no bolso do roupão de banho, apertei o botão de discagem rápida do meu marido e esperei que atendesse.

Se Lucca os chamou logo cedo num dia como aquele, algo importante havia acontecido e ele precisava de seus irmãos para resolver, mas naquele momento eu precisava do meu marido resolvendo algo tão necessário para mim.

— Você precisa de mim?

— Oi, querido. — Pelo o jeito que atendeu eu soube que não era um bom momento para falar. — Serei rápida. Seus filhos estão me enlouquecendo, pode me ajudar com isso?

— Meus filhos, hein? — Ouvi diversão em sua voz e sorri sozinha, observando Giorgia tentar controlar os *nossos* pestinhas sem sucesso.

— Estamos atrasados. Eu precisava estar na casa de Ella há uns trinta minutos atrás e eles simplesmente não estão colaborando. — Omiti a parte em que apoiei uma guerra de água, mas Dante me conhecia bem demais.

— Estou ouvindo uma certa tranquilidade nessa afirmação, preciosa. O que está escondendo? Minha esposa estaria surtando agora.

Encolhi os ombros mesmo que ele não pudesse ver.

— Eu meio que os fiz ficar agitados. — Fiz uma pausa — Mais do que já estavam, então não estou muito na minha razão aqui.

— Quando você diz que a brincadeira acabou, ela acabou e eles deveriam obedecer.

— É tão fácil quando você fala, Dante. Eles simplesmente não ligam para o que eu digo.

— Então terei uma conversa amanhã. Com os cinco.

— São meninos DeRossi, eles não querem ser repreendidos.

— Bem, eu sou o homem DeRossi da casa, então eles vão de qualquer jeito. Agora reúna a tropa para que eu resolva isso.

— *Va bene.*

— Querida?

— Sim?

— Não vejo a hora de colocar as minhas mãos em você novamente, senhora DeRossi.

Eu derreti com o termo carinhoso. Era cheio de posse, comando e afirmações, mas eu amava quando me chamava assim. A sensação nunca mudava, era sempre a mesma coisa. Eu era parte de algo muito maior.

Senhora DeRossi.

Esse pilantra safado faz coisas para mim...

— Eu te amo. — Dei como resposta, então fiz como ele pediu, chamando os nossos filhos para perto. — Papai quer falar com vocês.

A gritaria começou imediatamente. Perguntas, afirmações, um atropelando o outro.

— Meninos! Escutem!

Eles ficaram em silêncio, o que não me surpreendeu, sabendo que Dante estava ouvindo tudo eles seriam perfeitos cavalheirinhos. Mas, em suas faces estava estampado a excitação, eles tinham verdadeira adoração pelo pai. Coloquei no viva-voz.

— *Certo, homenzinhos, escutem em silêncio, papai não tem muito tempo para falar, mas verei vocês mais tarde. Por agora, quero que obedeçam a mamãe. Eu soube que estão causando problemas e não gosto disso.*

Axel levantou a mão, olhando-me ansiosamente.

— Axel tem uma pergunta — expliquei a Dante.

— *O que foi, filho?*

— *Papa, quero permissão para não usar terno hoje.*

Quase revirei os olhos, o pestinha queria me afrontar de qualquer jeito. Dante continuava sendo *papa*, enquanto eu era *mãe*. Porque nós, mulheres, sempre acabávamos como as carrascas odiadas e injustas eu não fazia ideia.

— Se fosse qualquer outro dia, você teria permissão, carinha. Mas hoje, muitas pessoas da *famiglia* estarão lá. Preciso que obedeçam a mamãe e se comportem, eu não demorarei a chegar.

Olhei para cada um, dos olhinhos azuis até os esverdeados que olhavam entre o celular e meu rosto.

— Posso contar com vocês? Hoje é um dia especial para a mamãe, vou desligar agora, mas quero que deem abraços e beijos nela, certo? Nos vemos mais tarde.

Ele desligou e eu fui derrubada de costas em minha cama.

Então um vendaval de braços e beijinhos me arrebatou.

E eu amei o meu marido um pouco mais.



Abriela De Rossi

— Até que enfim! — exclamei ao ver Alessa na porta e um por um, meus sobrinhos entrarem em fila, parando na porta para me abraçar antes de fazer o mesmo com Anita, então Rafaela e Elena, por fim, agem como pequenos homens brutos que são e se atracam com o meu filho.

— Você não tem ideia do que foi sair de casa. — Alessa declara com um sorriso cansado, porém feliz.

— Se foi minimamente parecido com Anita, acredite em mim, posso imaginar.

Ela arregalou os olhos, partindo para abraçar nossa irmã.

— Dei dois banhos — falou. — E você?

— Apenas um em cada, mas cinco trocas de roupas em Rafaela e duas em Elena.

— Puta merda! — Alessa se assustou, olhando com incredulidade para Anita.

— *Putá meida!*

— *Merda!*

— *Meida!*

As repetições vieram de todos os lados e quase que imediatamente, nós três declaramos:

— Não repitam isso!

As crianças riram como pestinhas que eram e voltaram a brincar, não dando a mínima para nós três.

— Trouxe fondue? — Anita perguntou.

— Você ouviu a parte que eu dei dois banhos nos meus cinco filhos?

— Sim, mas e o fondue? Com morangos.

Alessa me deu o olhar.

— Ela está falando sério?

— Creio que sim.

— Maluca — resmungou e fitou nossa irmã. — E o seu prato, o que trouxe?

Anita deu de ombros, abraçando Pietro e Miguele quando se aproximaram dela.

— Não tive tempo. Cuidar de meninas é mais difícil. Você deveria ter trazido.

— Deus, cale a boca. — Ela abriu os braços, chamando Elena e Rafaela — Tweedledee e Tweedledum venham aqui me dar um abraço!

As meninas correram para ela, rindo dos apelidos. Estava prestes a fechar a porta quando um soldado se aproximou.

— *Signora?*

— Sim, Barto?

— O senhor DeRossi mandou avisar que demorará mais que o planejado a chegar e pediu que a senhora transmita a mensagem as suas irmãs pelo *consigliere* e o subchefe.

Disfarcei a decepção e assenti.

— Obrigada. Vá até a cozinha depois para comer algo, sim?

— *Grazie, signora.*

Fechei a porta e voltei a minha família. Anita ergueu uma sobrancelha bem feita.

— O que foi?

— Nossos maridos vão se atrasar.

— Vocês ganharam algo? — Alessa perguntou.

— Não, mas aposto que você ganhou. — Anita provocou. — Seu picolé de mel é o único com sensibilidade entre os três bastardos.

— Luigi te comprou uma casa em frente ao paraíso, pare de ser amarga.

— Bem. — Interrompi as duas, vendo que a discussão já era velha. Precisava falar sempre um pouco mais alto, pois as oito crianças na sala não tinham botão de abaixar o volume, só aumentavam mais e mais. — Eu comprei presentes para as duas.

— Sério? — Alessa sorriu, abraçando-me. — Eu comprei também.

— Eu também. — Anita revirou os olhos. — Imaginei que eles nos dariam o bolo, então, garotas unidas, certo?

— Eles terão presentes quando chegarem. — Alessa tentou tranquilizá-la.

— Isso realmente importa, meninas? Olhe o que temos por causa deles — aponte para os nossos filhos.

— Hum... sim, importa. — Anita disse. — Importa muito. Se ele quiser afundar no poço de ouro novamente é bom que volte para a casa com algo *muito bom*.

— Eu quero afundar no poço de ouro também! — Romeo gritou.

— Eu vou primeiro! — Aquilo foi Axel.

— Posso ir junto, *mamma*? — Antony perguntou.

Fechei os olhos e respirei profundamente.

— Você precisa fechar a boca, Anita.

Ela caiu na gargalhada. Então nós nos sentamos e trocamos presentes.

— Eu vou primeiro. — Anita começou.

— Então vamos juntas. — Eu pisquei para ela, que me sorriu de volta. — Certo. — Encaramos Alessa segurando um envelope — Você é uma mãe incrível, seus filhos lindos são a prova disso e você tem tudo o que precisa materialmente falando. Nós queríamos te dar uma coisa que fosse realmente encher seu coração quando usasse.

Ela estreitou os olhos, já rindo sozinha.

— O que vocês fizeram?

— Conseguimos arrancar muito dinheiro dos amigos dos nossos maridos e deles mesmos, então você tem um cheque cheio aqui. Também temos uma lista de soldados que juraram ser voluntários durante um ano para qualquer coisa que você precisar na associação.

— Assim você pode cuidar das mães que não são tão completas quanto você. Sabemos que isso vai te fazer feliz.

Alessa segurou as lágrimas, levantando-se para nos abraçar com força.

— Isso é perfeito — sussurrou. — Já consigo imaginar o que vou fazer em seguida, quer dizer, temos tantos planos e... — Puxou uma longa respiração. — É. Perfeito! Agora o presente que tenho para vocês parece uma merda.

— Então nem me dê. — Dei um beliscão em Anita, que riu.

— Vamos amar. — A tranquilizei.

— É simples, mas é de coração, óbvio. — Ela entregou a cada uma de nós um envelope. — Não viajamos juntas há anos e não acho que essa viagem acontecerá tão cedo, então aí tem passagens para um cruzeiro de quatro dias, é bem seletivo. Tem um acompanhante.

— É incrível, Lessa, mas... — Olhei para Anita, que parecia encantada e desanimada ao mesmo tempo. — As crianças.

— Bem, aí que é está o presente. Dante e eu ficaremos com as meninas e Antony para vocês.

Eu a encarei incrédula.

— Irmã, você está passando bem?

— Como foi que o seu marido concordou com isso?

— Ele não concordou. Não falei com ele, portanto vocês não falarão também. Façam as malas e vão, só deixem as crianças em casa que eu e Dante nos viramos.

Anita explodiu num ataque de lhe arrancar lágrimas e eu tampouco segurei o riso.

— Ele vai se divorciar de você.

— Eu não me importo, indo a um cruzeiro de férias com a babá mais confiável do mundo é tudo o que eu quero. — Anita fez uma pausa — Eu amo viajar com Tweedledee e Tweedledum, vocês sabem disso, mas Luigi e eu não temos um momento a anos.

— Eu entendo — falei, pois me sentia do mesmo jeito. — Antony é minha vida, mas não sou só mãe. Sou mulher e esposa e irmã. Então, mesmo sofrendo por ficar longe dele alguns dias, vou aceitar. — Abracei Alessa. — É incrível, obrigada!

Anita fez o mesmo.

— Espero que seu casamento supere isso.

— É claro. Ele provavelmente fará vocês cuidarem dos nossos cinco depois para viajarmos, então...

— Santo Dio, pelo menos poderemos dividir um pouco entre mim e Anita.

Minha irmã ergueu uma sobrancelha, cética.

— Realmente vai tentar separar essas sombrinhas?

Eu me virei para olhar nossos filhos com um sorriso no rosto e demos os braços. Observamos as crianças brincando por um momento.

— Acha que *mamma* está vendo isso? — perguntei.

— Com certeza. — Anita sorriu. — E deve estar implorando a Deus para que Alessa tropece em um pacote de camisinhas.

Nós caímos na gargalhada outra vez.

Sim.

Dia perfeito.



Lucca De Rossi

Quando Dante voltou para dentro desligando o telefone, voltei a fitar Luigi e me perguntei por que o chamei. Eu queria informações e depois uma morte rápida. Nunca me importei de levar um tempo apreciando boas mortes, mas hoje Abriela me queria por perto, então eu precisava estar lá.

Mas o meu irmão mais novo não entendia isso. Ele adorava fazer sua porra de show e levar horas antes de permitir que qualquer bastardo morresse. Por isso Luigi era útil e eficaz, também por isso, algumas vezes eu queria me livrar dele.

— O que eu quero dizer é... eu não precisava estar aqui. — Luigi continuou, como se tivesse a porra do dia inteiro. — Eu tenho uma mulher gostosa para um caralho em casa e duas lindas filhas que sentem falta do papai.

— Você pediu um monólogo? — Dante perguntou mesmo já sabendo a resposta.

— Corte a porra da garganta de uma vez, Luigi!

Meu irmão virou-se para nós dois, especificamente para mim e soltou uma gargalhada tão alta que o homem a sua frente quase dormindo de dor e exaustão deu um pulo, ficando alerta.

— Se é tão simples por que você não fez?

— Não estou no clima. — Dei de ombros.

— Então me deixe fazer o meu trabalho, irmão. — Ele sorria o tempo todo, como o maldito maníaco que era. Essa cena era tão caricata, cotidiana, que me entediou. — Cadela, maldita. — Ele murmurava sozinho, mexendo em sua mesa de ferramentas.

— Como lidei com isso por anos, não tenho ideia — constatei.

— Eu tinha o apoio da coca correndo em meu sangue, mas limpo durante esses anos entendi o porquê Caim matou Abel.

Aquilo fez meu lábio contrair, mas eu não sorri. *Dios* sabia que eu não deixaria que a última coisa que a escória sentada na cadeira a nossa frente visse antes de morrer fosse um raro sorriso meu. Não. Isso estava destinado até a eternidade a ela. A Abriela.

— Você falou com Juan Carlo?

— Se fosse possível, eu teria. Ele está ocupado.

— Eufemismo do século.

— Como foi que aquele filho da puta se tornou presidente do México?

— Com a nossa ajuda — expliquei sorrindo mentalmente ao pensar em quantas portas aquilo me abriria. — E eu vou cobrar.

— Não esperava menos. Pensei em voar até lá daqui duas semanas, quando os compromissos da posse se acalmarem.

— Não acho que ele vai recebê-lo. Na verdade, a nova posição de Herrera complicou nossa aliança. Quando os Kings precisarem se reunir no próximo ano será difícil.

Dante zombou sem tirar os olhos de Luigi.

— Há apenas uma pessoa que conseguirá convencê-lo de que arriscar nossa aliança coloca não só ele, mas toda a sua linhagem em perigo.

Sabendo que Luigi estava concentrado, mas ainda assim mantinha um ouvido atento a nossa conversa, me direcionei a ele.

— Prepare-se para falar com o seu grande amigo, irmão.

— Pensarei sobre isso — murmurou, erguendo a cabeça do homem que já não conseguia mais gritar, apenas gemer baixo e suspirar.

— Não foi uma pergunta.

— Eu disse que falarei com o meu amigo quando achar necessário e não ameace uma criança quando sua família está cheia delas, Lucca.

— E são as únicas com que me importo. As filhas e filhos de meus aliados são peças, se eu precisar movê-las para fazer seus pais colaborarem,

farei isso.

— Assim como nossos inimigos farão com Antony.

— Assumindo erroneamente que eu deixaria qualquer coisa tocar o solo da Sicília para alcançá-lo.

Luigi cansou da brincadeira, suspirando para o alto antes de agarrar o cabelo do homem e arrastar uma faca de orelha a orelha em sua garganta. Vermelho carmesim escorreu, respingando em meu irmão, manchando suas mãos e escorrendo para o ralo abaixo da cadeira. Ele se virou para nos encarar, jogando a arma usada para a recente morte na mesa de ferramentas e se aproximou em passos lentos.

— É bom cumprir essa promessa, irmão — falou em meu rosto. — A forma como trata seus aliados não é melhor do que a que faz com seus inimigos. Me pergunto o que aconteceria se eles se unissem.

Dessa vez eu sorri, incapaz de me segurar. Dante apenas observava, mas eu podia ver em seus olhos que ele concordava com Luigi, pelo menos parcialmente.

— Eu mataria todos eles.

— Engraçado. — Luigi continuou. — Engraçado, imagino que falam o mesmo sobre nós.

— O que está te deixando sensível, Luigi? — Dante ironizou, porém, havia seriedade em sua pergunta.

— Roman está mais forte. Dutch se aliou a ele e a Bratva se fortalece a cada dia.

— Estou ciente.

— Dutch está nos Kings, ele é um de nós. O que acontece se propor que Roman seja inserido em nosso meio?

— Ele não fará isso. Dutch nos deve.

— E daí? Nós devemos a Siriu, já imaginou como será se ele resolver cobrar nosso último favor?

— Roman está fora de cogitação e os Kings sabem disso.

— Lucca. — Meu irmão olhou profundamente em meus olhos. — Não podemos mais tratar a Bratva como uma simples gangue. Eles são a máfia russa. Eles têm armas, tem soldados leais e tem poder. Eles já controlam a Rússia acima do presidente, quanto tempo até saírem do país?

— Mesmo que Dutch se alie completamente a Roman ainda temos Juan, Stark e Siriu. — Dante analisou.

— E Ward? — perguntei.

— Ward não segue lealdades, ele é sua própria família. Ele ficará com quem lhe oferecer mais benefícios e até o momento somos nós.

— Lucca. — Luigi me pressionou — *E se Roman for inserido?*

— Você soube de Style Tiekko?

— O fugitivo da Alemanha?

— Sim — confirmei. — Ouvi dizer que ele conseguiu ingressar na Yakuza. Envie alguém para marcar uma reunião com ele.

— Por qual motivo? — Dante me observou de perto.

— Quero conhecê-lo.

— Por quê?

— Para que meus inimigos fiquem perto. Tão perto quanto os meus amigos e meus bons amigos.

Dante acenou.

— E quanto a Siriu?

— Siriu, tem um único objetivo e sabemos qual é. Ele é seguro por enquanto. Se o desgraçado fosse siciliano eu o faria comandar junto conosco.

— Teme o alemão, irmão? — Luigi sorriu torto, surpreso.

— Não temo ninguém, irmão. Eu o respeito. Sou homem o suficiente para admitir que ele é um dos poucos que conseguiriam me derrubar caso tentasse. O quero tão perto quanto vocês dois.

Peguei Luigi pela nuca, depois Dante, e os puxei para perto.

— Farei qualquer coisa pela família.

— E pela *famiglia*?

— Também. Mas com as crianças... não posso arriscar colocar a máfia primeiro. Se precisar perder um bom sócio que traz dinheiro para ganhar um bom aliado em nos manter seguros, farei isso.

— E é por isso que você é o chefe.

— Sim, veja se não estou condenado?

E eu estava. Mas, enquanto jogasse aquele jogo, jogaria para vencer.



Lucca De Rossi

Quando entrei em minha casa naquela tarde ao lado de meus irmãos, horas atrasado para o que minha esposa havia preparado com suas irmãs, não só Antony, mas meus sobrinhos e sobrinhas correram em nossa direção como se suas pernas fossem infinitas e o ar em seus pulmões não fossem se esvaír jamais.

— *Papa!*

Eu peguei Antony, deixando-o me abraçar com um olhar treinado sob as pessoas no local. Minha casa estava cheia e embora eu odiasse isso, precisava fazer uma vez ou outra. Se minha *famiglia* não fosse convidada para o lugar onde eu vivia, veriam como se eu não os respeitasse e pelos anos sob meu comando, eu esperava que ninguém fosse estúpido o suficiente para fazer algo.

Queria abraçar meu filho e meus sobrinhos, sorrir para eles, escutar suas histórias sobre o dia, mas não pude, não com pelo menos cinquenta olhos em cima de mim.

Enquanto Antony se agarrava ao meu pescoço sorrindo, falando comigo, caminhei para o meio, onde havia uma roda de pessoas passando a mão na cabeça das crianças enquanto andava. Acenei para quem via a minha frente, sabia seus nomes e suas funções, e a admiração por mim brilhava quando me fitavam como se tivessem conhecimento disso.

Luigi e Dante, da mesma forma distante se aproximaram de suas esposas. Uma mão na cintura e as deixando tocá-los singelamente. Sem paixão, sem olhares intensos, sem palavras bonitas. Aquilo se reservava aos nossos quartos.

Minha própria esposa se aproximou de mim com um sorriso contido, mas em sua expressão corporal eu sabia que havia uma alegria estonteante lá dentro. Amor. Amor que eu não merecia, mas tomava dela todos os dias

ainda assim. Mesmo que a impedisse de me amar como queria, mesmo tratando nosso filho com uma simples afeição publicamente e não como era a realidade.

Meu peito parecia prestes a explodir todas as vezes que Antony me olhava, tocava ou falava comigo e eu ainda pegava o brilho de tristeza quando eu não podia amá-lo na frente de outras pessoas, como naquele momento, quando ele só queria me contar sobre o dia com sua mãe e como ela o ajudou a fazer biscoitos para comermos apenas nós três naquela noite.

Ele não entendia e eu tinha consciência de como sua cabeça poderia ficar confusa até que pudéssemos ter aquela conversa.

Eu o amava, mas meu amor precisava ser limitado para que não se tornasse um risco.

Abriela não estava tão ameaçada mesmo que eu a tratasse como um dever perante a *famiglia*, mas para meus inimigos, se eu a perdesse poderia me casar novamente. Contanto, se perdesse meu único herdeiro, meu trono acabaria.

A verdade era que se eu perdesse tanto Antony quanto Abriela, me perderia logo após buscar vingança. Tudo acabaria quando chegasse em casa e não os encontrasse ali.

Ela tocou o meu peito, piscando para Antony antes de me fitar.

— Está atrasado, senhor DeRossi.

Contive um sorriso, um beijo e a vontade de levá-la ali mesmo, naquele tapete.

— Aposto que encontrará formas de me castigar mais tarde — falei baixo, virando o rosto, toquei sua orelha com meus lábios rapidamente. — Feliz dia das mães, *bella mia*.

Sua respiração acelerou contra minha coluna, o peito inflando. Ela engoliu em seco e eu sabia que cada uma das coisas que queria fazer com ela era um reflexo do que minha esposa queria realizar comigo.

— Patrono. — Desviei meu olhar dela, dando atenção ao casal que se aproximava. — Que bela celebração. Minha esposa e eu ficamos honrados com o convite.

— Senador. — Ofereci minha mão. Surpreendendo-me, o homem a pegou e inclinou-se, dando um beijo. Segurei-me para não a puxar de volta, pois seria tão desrespeitoso quanto ele fazer aquilo em público.

Não havia apenas a *famiglia* ali. Por respeito, tínhamos que chamar algumas pessoas de fora, e embora a maioria soubesse o que eu era, eu não tinha nenhum interesse em ter fotos ou testemunhas que não conhecessem a fundo as consequências de provar os boatos ao mundo.

Eu já estive em jornais de papel tanto quanto nos televisivos, rádios e livros, mas nenhum deles provou o que alegava.

Aquele era o meu trunfo.

Até mesmo Luigi em sua época desordenada sabia como se portar em público. Não havia uma única declaração saída de minha boca para curiosos. Eu sempre mantive o que aprendi com meu pai morto e enterrado: ouça demais e fale de menos.

Aquele senador seria próximo, mas não íntimo.

Meu amigo, mas não família.

Nunca *famiglia*.

— Eu esperava que pudéssemos conversar, Lucca. — Ele tentou soar firme, mas havia um toque de insegurança em sua voz e um tremor nos lábios, denunciando o sorriso forçado.

— Conversaremos, senador. Mas eu gostaria de cumprimentar alguns amigos antes.

— É claro! Claro, eu estarei aqui até que esteja disponível. — Pegou minha mão outra vez e eu lhe dei um olhar de advertência singelo. O primeiro e para seu próprio bem, esperava que fosse o único. — Venho lhe oferecer a minha *amizade*.

Quem o ensinou como chegar a mim fez o serviço direito. Eu assenti.

— *Siete amici con i miei amici?* — Você é amigo dos meus amigos?

Era uma pergunta básica. Ele dependia daquela resposta para entrar em meu gabinete e conversarmos. Para chegar a mim da maneira que se deve, algum dos amigos da *famiglia* deve ter lhe ensinado o caminho, e apenas

assim eu sabia se poderia ouvi-lo.

— Sim. — Foi sua resposta. Desviei o olhar dele para a sua esposa, e ela engoliu em seco diante de meu escrutínio, sorrindo para Abriela.

Ele estava desesperado se até sua esposa sabia o que foi fazer ali.

Políticos não dividiam problemas grandes com suas esposas, tão pouco corriam até a máfia para pedir favores.

Ou estava desesperado ou era estúpido. Talvez as duas coisas.

— Juliano o levará a meu encontro em meia hora. — Acenei em direção a meu soldado braço esquerdo e o senador assentiu, soltou um suspiro aliviado que me fez ter vontade de gargalhar diante de seu engano.

Meus favores não eram baratos, se fossem, eu não os sairia distribuindo.

Se ele me pedisse para massacrar uma vila, eu o faria, mas era bom que devolvesse a honra mesmo se eu lhe pedisse que destruísse uma cidade.

Abriela e sua esposa sorriram educadamente uma para a outra antes de nos afastarmos, passando para o próximo convidado.

— Simone e Aida não vieram, estou achando estranho.

— Por quê? — perguntei a ela aproveitando os poucos minutos que ficaríamos sozinho.

— Quero descer, *papa!* — Antony pediu e eu me segurei para não o beijar antes de colocar o meu garoto no chão e observar enquanto corria ao encontro de seus primos.

Ofereci o braço a Abriela.

— Aida é sempre a primeira a chegar para que possa ter tempo suficiente de criticar tudo.

Com sua bondade que não via limites e coração mole, quando Abriela descobrisse o motivo para a mulher Tomaro não ter vindo, se sentiria culpada por dias simplesmente por ter pensado aquilo.

— Vou perguntar aos soldados de Tomaro.

— Não, tudo bem. — Ela deu um aperto em meu braço — Você tem outras prioridades. Eu... eu queria falar sobre algo com você.

Dando-me o luxo, arrastei as pontas dos dedos por sua clavícula até o cotovelo, onde a segurei suavemente.

— Algum problema? Você é sempre a minha prioridade.

Os olhos azuis brilharam.

— Não, realmente. Tomei uma decisão e quero compartilhar com você, só isso.

— Então diga-me.

Ela olhou ao redor rapidamente, sempre com um sorriso plácido no rosto e me encarou outra vez. Minha senhora. Ela era perfeita para estar ao meu lado.

— Quero tentar os tratamentos para ter um bebê.

Embora surpreso, não me assustei com sua decisão. Abriela amava crianças, Antony acima de tudo, mas eu sabia que assistir suas irmãs terem mais filhos a fazia desejar também. Acariciei onde a segurava com o polegar, impedido de beijá-la para mostrar que não só concordava, mas a apoiava.

— Se é o que você quer.

— É o que quero. — Ela suspirou, encolhendo os ombros. — Sei que não será fácil e talvez possa nem acontecer, mas...

— Já lhe disse que tudo o que tem que fazer é pedir e terá. O que quiser é seu, *bella*.

— Eu quero tanto te beijar agora, *patrono*.

— Eu também quero beijar seus lábios, querida. — Aproximei-me para falar ao seu ouvido. — Eu só não disse qual.

Engolindo, ela abaixou a cabeça para esconder o riso e eu olhei para cima, aparentemente alheio, indiferente. Mal sabiam eles.

Eu queria acabar com aquele maldito fingimento, mas era para ela. Sempre para o bem dela.

— Senhor, há uma certa movimentação que não consigo conter no andar superior.

Franzi o cenho, indicando que Abriela me esperasse ali quando segui

meu soldado. No caminho, assovios, pessoas me chamando e acenos em minha direção. Tentei devolver todos eles, embora estivesse com pressa.

— *Signore DeRossi!* — Parei no meio da escada ao ouvir meu nome sendo chamado no microfone, o cantor acenou. — Cantarei em sua honra, *patrono!*

Forçando uma simpatia que eu não sentia, acenei de volta.

— *Canta per la mia signora.* — Cante para a minha senhora.

— Escolha uma música, senhor! Escolha e vou honrá-la com o que escolher!

Dei um olhar a Abriela, que me encarava ansiosamente.

— Cante “*Donna, donna mia*” de Toto Cutugno.

Ela sorriu tão brilhantemente que apenas daquela vez não lhe fiz sinal para disfarçar. Hoje era seu dia, além de todos os outros, era especial. Ela tinha o direito a uma música e sorrir para a minha escolha honesta.

Enquanto subia e seguia Juliano para o corredor pude ouvir a voz do cantor espelhando os meus sentimentos por aquela mulher.

“VOCÊ NÃO É UMA AVENTURA, É MINHA
NOS SEUS SONHOS PROIBIDOS, É MINHA
NOS MEUS SONHOS PROIBIDOS, É MINHA
UMA MULHER E UMA MENINA
SORRIA E CHEGUE MAIS PERTO
EU TE AMO E VOCÊ SABE QUE É MINHA”

Quem quer que fosse estúpido o suficiente para tentar estragar o dia da minha esposa estava seriamente fodido.



Luigi DeRossi

— *Mio grande amore*. — Sentado, tentei mais uma vez chamar a atenção da minha esposa para me ouvir e parar de gritar.

— Não me venha com essa de “*mio grande amore*”, seu italiano safado!

— Você está me dando uma porra de uma dor de cabeça!

— Ah, é mesmo? Perdão, meu senhor, devo lhe fazer uma massagem?
— Sarcasmo escorria de sua voz enquanto andava pela sala, fazendo os cachos do cabelo saltarem. Caralho, eu daria tudo para foder exatamente ali, naquele momento.

— Eu não recusaria.

Ela me deu um olhar duro.

— Não brinca comigo, Luigi DeRossi. Eu não estou no clima!

— Tudo bem, então ilumine a minha mente pois estou perdido aqui. Qual o motivo de tanto estardalhaço?

— Estardalhaço? — Parou na minha frente e apoiou as mãos nos quadris. Sua forma curvilínea me deu água na boca. Inclinei-me para a frente, inspirando para tentar captar seu perfume mais profundamente.

— Chegue mais perto de mim, *amore*.

— Você está me traindo. — Não foi uma pergunta, foi uma afirmação e assim que as palavras fizeram sentido em minha mente eu explodi numa gargalhada que fez seu rosto ficar vermelho.

— Lá vamos nós mais uma vez nessa conversa.

— É a única explicação.

— Para o que exatamente? — Recostei-me novamente e apoiei o queixo

na mão direita, deixando a esquerda para proteger meu saco quando ela comesse a atirar coisas em mim.

— Você some e volta de madrugada pedindo perdão, sai pela manhã e chega numa festa que celebra o *meu dia* atrasado e nem me dá uma explicação, não me liga, não manda uma mensagem e nem um buquê de flores!

— O seu dia?

— Sim, *consigliere*, não sei se lhe passou despercebido, mas hoje é sobre mães. Sobre aquelas que contribuem não apenas no bem bom, mas na hora de colocar as crianças para fora. — Para dar ênfase, ela me apontou o dedo acusadoramente. — As suas crianças pesadas e de cabeças grandes!

— Querida se as crianças nasceram grandes foi culpa sua que comeu demais, não minha. Meu nadador chega na sua piscina minúsculo, quem o faz crescer demais é você.

Por um momento ela apenas me encarou. Os olhos arregalados, mãos em punho, a boca franzida. Jesus, ela parecia uma fodida psicopata e meu pau ficou tão duro que doeu.

— *Figlio di puttana!* Como se atreve? *Disgraziato! Maledetto!*

Levantei-me a tempo de segurar seus punhos e impedir que voassem em meu rosto, mas sua unha ainda rasgou levemente minha bochecha.

— Solte, Luigi. — Seu pulso acelerado em meu polegar dizia o contrário.

— Dê ao seu marido um beijo.

— Meu marido não merece nem um aperto de mão.

— Então eu vou tomá-lo a força.

— E eu gritarei para acordar Palermo.

— Não seja louca, a casa está cheia e não é apenas a *famiglia* lá embaixo. Se você nos envergonhar, ficarei puto.

— Desde quando eu dou a mínima?

A empurrando para trás, derrubei-a no sofá de três lugares, suas costas

batendo com força nas almofadas douradas.

— Eu não te liguei porque estava ocupando torturando alguém a pedido do meu irmão, ou você não percebeu o sangue na camisa?

Ela engoliu, se recusando a olhar onde a mancha repousava.

— A não ser que eu tenha matado minha companhia feminina quando terminei, podemos supor que não tenho uma amante, não é querida?

— Foda-se!

Ela viu a mancha, é claro que viu. Eu conhecia a minha esposa melhor do que ninguém. O que a irritava, o que a excitava. Aquela cena não se tratava da minha ausência em si, mas o que minha falta fez para ela.

E aquela birra nada mais era do que um incentivo para a foder como o animal que eu era, porque ela adorava. Despertar minha raiva, fazer-me tocá-la como se ela não fosse a mulher mimada e adorada que era.

— Ah, eu vou. — Eu sorri, mostrando a ela o mesmo sorriso que dei ao dono da mancha de sangue em minha camisa. — Vou foder seu desrespeito para fora de você, minha vadia.

Ela mordeu os lábios, os olhos brilhando. Minha floresta ganhando vida.

— É isso o que você quer, não é, minha rainha louca?

— Cale a boca.

— Calar a boca e o quê? — Arrastei meus dentes pela orelha, pescoço, até chegar a sua boca, onde parei para olhar em seus olhos — Hm? Calar a boca e sair ou te foder como você realmente deseja?

— Você sabe qual.

— Eu não sei, preciso que me diga. — Pressionei meu pau em sua calcinha molhada, sentindo a umidade que provavelmente já se acumulava desde que entrei naquela casa.

Ela gemeu, encontrando meu atrito.

— Luigi... — Ergueu a cabeça, mordendo meu lábio inferior antes de sugá-lo e puxar minha boca num beijo que me desmontou.

Cristo.

Quão perfeita era aquela mulher?

— Me foda, bebê. — Ela soprou em meu ouvido, então onde sua unha tinha arranhado, Anita arrastou a língua em cima. — Me faça te perdoar por ser um marido ausente.

Se eu tivesse tempo, não sei qual dos dois desistiria primeiro presos em nossa casa. Ela por sua boceta assada ou eu com meu pau esfolado. Inferno, Deus sabia que me casar com ela foi a coisa mais certa que fiz na vida.

— Eu não mandei flores porque seu dia é todos os dias, *amore*. Além do mais, você ficaria entediada se eu chegasse em casa na hora. — Abri suas pernas sem nenhuma delicadeza e puxei sua calcinha para o lado, enfiando dois dedos de uma vez naquele paraíso. — Se eu te desse um beijo de boa noite e entregasse um buquê de flores. — Ela gemeu mais alto, cravando as unhas em meu pescoço e agarrando minha cintura com as pernas. — Você as jogaria na minha cara.

Eu estava certo. Ela não gostava de nada certinho. Tradicional nos entediava. A única coisa normal que éramos capazes de amar eram nossas filhas. E algumas vezes as duas eram tão maluquinhas quanto sua mãe.

Estava prestes a abrir o meu cinto e me afundar nela quando a porta se abriu e Anita quase me deixou surdo com o grito que deu quando viu Lucca entrar.

Meu irmão me deu um olhar assassino.

— Na porra do meu gabinete, Luigi!

Eu pensei em pedir que saísse, mas quando Juliano entrou atrás dele e Abriela veio em seguida, percebi que talvez não fosse a melhor jogada.

— Vire-se. — Cuspi para Juliano, então para Lucca. — Preciso deixar a minha senhora decente.

Apoiei no sofá para levantar-me.

— Se estiver com o pau para fora é melhor que cubra antes da minha esposa ver, Luigi.

— Não se preocupe, empata foda. Não tive tempo para isso. — Ajudei Anita sob o olhar fixo de meu irmão em nós dois e tentei colocá-la um pouco atrás de mim, mas Anita sendo ela, ficou ao meu lado. — Qual o motivo da

reunião?

Abriela encarava sua irmã dividida entre sorrir ou tentar enviar uma repreensão silenciosa. Anita não se escondeu.

— Sua gritaria, como sempre. — Ele cuspiu sem olhar para ela. — Você precisa controlar a sua esposa.

— Eu não preciso ser controlada, ele não é meu dono.

Eu ergui uma sobrancelha, questionando-a silenciosamente.

— Aí está o problema. — Lucca devolveu. — Deixe seus soldados ouvi-la falar assim com você e problema será um eufemismo em sua conta.

— Os soldados de Luigi o respeitam sem precisar ser um misógino declarado. — Ela fitou sua irmã. — Anos se passaram e ainda não sei que tipo de lavagem cerebral você fez em minha irmã.

— Já chega. — Abriela falou, dando um olhar grave a irmã. — Anita, não vá lá. Não o provoque.

— Ah, eu não ousaria. Não quero sentir o *peso* das consequências.

Lucca a encarava com uma frieza dissimulada, comum entre os dois. Embora ela testasse sua paciência pelo simples prazer do desafio, eu sabia que se fosse necessário meu irmão a salvaria de qualquer coisa. Não porque gostasse dela, mas porque Abriela a amava e perder Anita seria como perder uma parte de si mesma.

Surpreendentemente ele adorava as nossas filhas.

— Por favor, podemos ter um pouco de paz hoje? Apenas hoje?

Lucca encarou sua esposa.

— Sinto muito, *bella*. É o seu dia, você está certa. Juliano, diga ao senador para esperar mais vinte minutos e lhe darei minha atenção.

— Chefe. — Ele deu um aceno curto antes de sair, fechando a porta no caminho.

— Vamos descer também. — Tentei escapar, sabendo que haviam coisas que meu irmão presava e ditava como regra. Como não foder onde ele se sentava diariamente para o trabalho.

— Você ficará, preciso do meu *consigliere*.

— Não bastou tê-lo tirado de mim o dia todo? — Anita explodiu. — Eu quero que meu marido passe a noite comigo, na festa que eu planejei com minhas irmãs.

— Antes de seu marido ele é o meu conselheiro.

— Obrigada por me lembrar — resmungou, virando-se para Abriela — Vamos descer, então?

— Abriela fica. Preciso de você.

— Então só eu estou dispensada? — Eu a conhecia bem o suficiente para saber que estava a ponto de bater o pé e acabar com aquela celebração lá embaixo.

— Na verdade. — Lucca foi para atrás de sua mesa e puxou um cigarro da gaveta, acendendo enquanto eu preparava uma dose para nós dois. — Vai me fazer um favor, então pode ficar também.

Surpresa, Anita só o encarou por um minuto. Tentando se recompor sem demonstrar seu choque. Jogando-se no sofá de onde a levantei minutos atrás, ela cruzou os braços piscou para mim.

— Bem, se o inferno não congelar hoje não vai nunca mais.



Dante De Rossi

— E se alguém nos ver? — Ela ofegou em meu ouvido, mas não desenrolou a perna que se agarrava como um punho a minha cintura. — E se nos ouvirem?

— Então eles saberão como a minha esposa está bem servida no casamento.

Ela estreitou os olhos, a boca aberta num grito silencioso quando pressionei mais forte em sua boceta úmida.

— Se alguma mulher entrar aqui e ver sua linda bunda nua, serei obrigada a empurrá-la da escada.

— Essa é uma promessa excitante, preciosa.

— Não duvide.

— Tanto quanto eu quero te tomar aqui e agora, há pessoas de fora — ameacei me afastar, mas ela segurou meu colarinho.

— Não se atreva, seu pilantra safado! — Apertando os braços ao meu redor, ela olhou em volta e eu a observei. As bochechas em chamas, corpo arrepiado e cabelo preso em um coque milimetricamente calculado soltando alguns fios de nossa sessão de amassos no corredor. Parecíamos dois adolescentes. Justificável na idade dela, mas na minha...

— Quem está com as crianças? — perguntei.

— Goretti e sua mãe, Jimmy está com as duas caso precisem de algo.

— Tenho certeza de que quando ele veio nos pedir ajuda não estava esperando virar babá.

— Sacrifícios que fazemos pela *famiglia* — murmurou, arrastando beijos pelo meu pescoço e abrindo os primeiros botões da camisa.

Como nossa advogada, ela entendia bem de sacrifícios. Alessa vivia como um membro ativa nas sombras, ninguém sabia de sua participação nos negócios. Nós tínhamos nosso advogado público, do qual os soldados, capos e afiliados tinham conhecimento, mas ela estava por trás, conferindo, trabalhando duro e garantindo que todos os nossos interesses seriam protegidos.

Enquanto isso, em casa, ela se mostrava a mãe mais paciente, amorosa e fiel. Ela escondia as crianças quando eu não tinha tempo de tomar um banho antes de voltar, para que não me vissem com sangue nas mãos, contava a eles histórias do herói que eu certamente não era, mas de qualquer jeito, fazia com que meus filhos tivessem um brilho nos olhos ao me ver.

Eu tentava devolver pelo menos um pouco do que ela me dava.

Mesmo que nunca fosse o suficiente.

— Vem. — Ela me beijou uma última vez antes de me arrastar pelo corredor.

A puxei quando vi Julianos saindo do gabinete de Lucca e fechando a porta, ela soltou uma risadinha baixa.

— Está pensando o mesmo que eu? — sussurrou, aqueles olhos intensos, cheios de travessuras me implorando para cair em sua armadilha e eu não podia evitar.

Ela me tinha nas mãos.

— Você primeiro.

Meu irmão ficaria puto, mas se Julianos veio fazer a varredura e desceu novamente, era sinal de que Lucca não subiria por um tempo ainda. Ele sempre esperava até o final da festa para começar a receber nossos amigos atrás da privacidade daquela porta.

— Lucca nos mataria. — Ela disse ao segurar a maçaneta e girar, agarrando-me pelo pescoço quando empurrou a madeira pesada com as costas.

Gemendo meu tesão em sua boca, fechei os olhos e a segui, beijando minha esposa como se ela fosse o doce mais saboroso já criado. Feito especialmente para mim.

Eu não podia esperar, tinha que me afundar nele e matar a saudade que agarrava dolorosamente o meu peito.

— Mas que porra?! — O rugido do meu irmão me fez ficar imóvel. Alessa fez o mesmo contra mim, nossas bocas se separando num segundo e eu abri os olhos. De costas contra a porta, eu tinha uma vista completa da sala, e fiquei seriamente constrangido ao ver não só meus irmãos, mas as minhas cunhadas lá dentro.

— Dante. — Alessa sussurrou com os olhos arregalados. A vergonha incrustada em seus traços perfeitos.

Eu desenrolei suas pernas da minha cintura e abaixei seu vestido.

— Olhos em cima, idiota. — Rosnei para Luigi quando ele seguiu meu movimento. Soltando uma risada rouca, meu irmão deu de ombros.

— Vejo a mesma coisa todos os dias.

— *Santo Dio*, mate-me agora.

— Por que diabos o meu gabinete virou um maldito quarto de motel?

Alessa virou-se para encarar nossa plateia e ajeitou o cabelo com classe. Ou pelo menos com todo o refinamento que podia resgatar da situação.

— Não sabíamos que o lugar estava... ocupado.

Luigi ergueu uma sobrancelha, os lábios se contraindo, mas escolheu sabiamente ficar quieto diante do meu olhar.

— Deus, por que é que eu sou a mal falada da família? — Anita perguntou, zombando da irmã.

— O meu marido me arrastou até aqui, não tive culpa. — Rasguei meu olhar para seu rosto, franzindo o cenho diante de seu cinismo.

— Ele não parece ver da mesma forma. — Lucca verbalizou, mas ela apenas acenou em desdém.

— Vou me retirar agora e não quero ouvir nada sobre isso. Adeus. — Com o rosto pegando fogo, ela me encarou novamente e se dirigiu para girar a maçaneta.

— Não tão rápido. — Lucca decretou e ela fechou os olhos, sibilando

uma maldição quase inaudível.

— Precisa de algo? — Olhou para ele com um sorriso fingido.

— Sim, de vocês dois.

Ignorando o olhar que suas irmãs lhe davam, ela assentiu. Eu imaginava quão mortificada a minha linda mulher estava, afinal, além de Lucca e eu, ninguém naquela sala já teve um vislumbre de quem Alessa era por trás de sua máscara.

— Primeiro de tudo. — Lucca começou com uma voz perigosamente neutra, olhando cada um de nós por trás de sua mesa — Se eu pegar mais alguém fora a minha esposa, é claro, entrando aqui para foder... teremos um enterro. Fui claro? Que porra? O tesão é em mim? Por que não vão na minha cama de uma vez?

Alessa abaixou a cabeça.

— Foi realmente um acidente, Lucca. Não sabíamos que sala era até entrarmos.

— Mesmo? — O sarcasmo na voz dele foi tão claro quanto a risada de Luigi explodindo quando se jogou no sofá ao lado de Anita, que sorria para a mentira descarada de sua irmã gêmea.

— Eles entenderam o recado, querido. — Abriela foi atrás dele, massageando rapidamente seus ombros. Como sempre, a tensão dissipou com o toque dela e Lucca assentiu.

— Vamos tratar de negócios ou o quê? — perguntei.

— Eu tenho um favor para pedir a minha esposa e suas irmãs.

— Isso vai ser interessante. — Anita falou. — Precisarei de uma bebida para isso?

— Não. — Luigi decretou, provavelmente lembrando-se da última vez que Anita recorreu a álcool para lidar com algo.

— Simone e Aida Tomaro perderam um filho.

— O quê?

— Oh, meu Deus, quando?

Alessa foi a única a ficar perigosamente quieta, lançando-me apenas um olhar conhecedor, embora não soubesse de nada. Eu não devolvi a atenção, deixando-a pensar o que tivesse que ser.

— Não importa.

— É claro que importa! — Anita brigou, levantando-se — Aida é desprezível, mas seus filhos são tão jovens... quer dizer, pode imaginar isso? — Sua pergunta foi destinada as suas irmãs.

— Por isso ela não veio e eu aqui pensando as piores coisas. — Abriela lamentou-se, buscando apoio no colo do meu irmão — Coitada, como isso aconteceu?

— Não me pergunte. — Foi a resposta dele e com isso, os olhos arregalados de Abriela voaram para o marido.

— Lucca... não me diga...

— Então não pergunte.

— Jesus Cristo, vocês mataram uma criança?! — Anita acusou, afastando-se de Luigi para ficar ao lado de Abriela, que havia feito o mesmo com Lucca.

— Seus dois meninos ainda são crianças, nem sequer prestaram o juramento. Como você pode?! — Eu vi Lucca começando a perder a paciência com Anita, e irritando-se com a postura de Abriela em ficar contra ele.

Alessa no entanto, encarava o chão. Perguntei-me se estava pensando em nossos cinco meninos que logo teriam aquela idade e que ela não era ingênua sobre o que eu fazia. Mas não gastaria saliva discutindo a moral que eu não tinha para fazer aqueles serviços.

— Não — falei — Não foi assim que aconteceu. Soubemos a pouco, não queríamos contar pelo o dia de hoje, mas aconteceu. Não sabemos muito ainda, falaremos com Simone pela manhã.

Abriela desabou em uma poltrona, aliviada, encarando Lucca com certa culpa por ter acreditado que ele faria tal coisa. Anita engoliu em seco, suspirando antes de acenar, aceitando a mão que Luigi oferecia a ela.

Os olhos dos meus irmãos estavam treinados em mim, perguntando-se o

que eu estava fazendo. Bem, eu era seu subchefe, e já que nosso *consigliere* estava travado para lidar com a situação, eu precisei assumir.

— O que eu preciso de vocês façam é ajudar Aida, sejam solícitas. Com velório e enterro, telefonem para ela. Sejam as mulheres que nasceram para ser. Abriela é a *madre di famiglia* e vocês são ambas mulheres do *consigliere* e subchefe. — Meu irmão explicou friamente e não me desmentiu.

Muitas foram as vezes que fizemos e escondemos coisas delas.

Não pararia agora.



Alessa De Rossi

A celebração foi encerrada cerca de duas horas depois quando a notícia de que Francesco, o filho mais novo de um capo havia morrido.

Causas respiratórias foi o que o médico disse, mas embora o meu marido tenha dito que não tinham a ver com aquilo, eu duvidava. Eu sabia no fundo da minha alma que um dos três deu a ordem, não importando quem foi, se a decisão foi tomada, os três tomaram juntos.

Eu não era ingênua. Aquela inocência e esperança na bondade havia sido arrancada há muito tempo.

Abriela reconhecia no fundo de sua alma que não era uma coincidência, mas ela precisava estar bem consigo mesma para continuar com Lucca. Ela precisava que alguém lhe dissesse que ele não fez aquilo, então sem questionar, ela aceitaria. Sem insistir, sem perguntas, simplesmente esquecendo do acontecido.

Anita sabia também. Mas, não havia nada que a fizesse deixar Luigi, então ela aceitou que “eles não tinham nada a ver com a morte de Francesco Tomaro”.

Quanto a mim...

Se ele morreu, houve algum motivo.

Não foi nobre, nem justo, tampouco merecido. Mas, eu não viraria as costas para o meu marido, não o condenaria não importa o quanto fosse condenável. Ele sabia ao olhar em meus olhos que eu podia praticamente vê-lo bater o martelo para dar fim a vida do garoto, mas jamais diria aquilo. Jamais o deixaria.

Nunca.

Eu mais do que muitas pessoas, sabia o que era ser uma criança

condenada.

Eu precisava de Dante para garantir que nossos filhos nunca conheceriam aquela sensação.

Do meu lugar na mesa, observei nossos filhos brincando juntos.

Elena, no colo de Dante insistia que ele deveria ir com ela fazer comprar, pois ela não gostava de Jimmy. Com isso, Dante se transformou no pai de menina que não era e exigiu que ela dissesse se Jimmy fez algo. Com uma risadinha conhecedora de que tinha seu tio na palma das mãozinhas minúsculas.

— Se eu disser que fez você vai passar a ir comigo?

Estreitando os olhos, Dante lançou um olhar a Luigi.

— Devemos repensar a ideia do internato.

— *Mamma!* — Antony veio gritando.

— O que foi, meu filho? — Minha irmã, com um sorriso no rosto desviou-se da conversa com Anita e o observou.

— Eu quero permissão para colocar Rafaela de castigo! — Batendo na mesa e deixando um papel no lugar.

— Ah, é? E por quê?

— Ela me disse para entregar isso a Enzo!

Interceptando o papel da mesa, Luigi abriu e franziu o cenho, virando-se para Anita antes de gritar Rafaela.

— Lide com a sua filha. — Jogou o papel para ela, e quando Anita viu o conteúdo começou a rir, mostrando para Abriela que a seguiu na mesma diversão.

— Minha filha. — Minha irmã revirou os olhos, ignorando a ordem de seu marido e voltando a falar com Abriela.

Estávamos tensas com a notícia do filho de Aida, mas até amanhã não havia realmente nada que podíamos fazer. Nem sabíamos se ela gostaria de nos ter por perto. Nos receberia por respeito, mas nos *querer* ali em um momento tão sensível... Eu não sabia se o casal Tomaro teria alguma

desconfiança com relação a morte de seu filho, e se tivessem, não poderiam ter certeza de nada. A palavra do médico da *famiglia* era absoluta, nada poderia mudar aquilo.

Eu, em seu lugar, lamentaria a morte do meu filho em casa sem a presença de ninguém além de meu filho vivo. Se meu marido fosse Simone, nem mesmo ele teria permissão de chorar comigo.

Dante amava nossos filhos tanto quanto eu, mas se nós os perdêssemos, sua dor jamais se compararia a minha.

Me condenei por pensar aquilo. Ele já tinha tido uma outra criança que não chegou a nascer, morto ainda no ventre da mulher que o meu marido amava.

— *Madrina*, posso subir? — Antony perguntou a Anita, apontando para seu colo.

— Deve. — Ela o pegou, sentando-o de frente para si.

— Rafaela *tá* muito bagunceira, tia. — Ele tentou falar baixo enquanto mexia na ponta dos cabelos dela, mas podíamos ouvi-lo ao redor da mesa.

— Eu sei, ursinho. — Ela fez uma careta, entrando na dele. — O que eu devo fazer com ela?

— Todos eles são bagunceiros.

— Todos? — Ela arregalou os olhos — Mesmo tio Dante e tia Alessa? Ele balançou a cabeça com veemência.

— Só as crianças.

— Só as crianças, entendi. Você também, então?

— Eu não sou criança mais.

— Ah, não? Poxa, eu estava errada todo esse tempo?

— Não, tia, eu fui criança, mas agora sou quase o *caprono*.

— Você é o que? — perguntou, segurando o riso.

Tendo uma leve suspeita do que ele queria dizer, olhei sutilmente para Lucca, mas nada lhe passava despercebido. O homem que eu tinha como um

irmão me devolveu um olhar orgulhoso.

— O *caprono*. De todos — Como se para dar força as suas palavras, ele abriu os braços.

— Bebê. — Abriela o chamou — O que quer dizer com *caprono*?

— Igual ao papai. — Ele se contorceu no colo de Anita, virando para que pudesse olhar em volta da mesa. — Todos vão beijar minha mão como fazem com o papai e vou ter uma arma de verdade igual do tio Luigi!

— *Patrono*, Antony. — Eu corriji o que ninguém queria dizer. Sim, isso era o que ele seria dali a alguns anos. O chefe de todos. Quanto a *patrono*, esse título ele teria que conquistar com respeito, força, adoração e principalmente medo, assim como o seu pai fez.

Antony só seria *patrono* quando seu pai não estivesse mais vivo, mas ainda assim, precisava ganhar a honra por si mesmo.

Abriela me deu um olhar preocupado, em negação consigo mesma.

— Eu serei patrono! — Axel se aproximou gritando. Subiu em uma cadeira vazia ao lado de Lucca. — Serei mais forte que meu tio e vou matar qualquer um que mexer com minha família. — Meu filho fez uma careta que não me preocupou, me orgulhou.

Eu estava ciente da vida que nasci, e não tinha nenhuma ilusão quanto a meus filhos não seguirem o mesmo caminho. Eles seriam seu pai e seus tios. Cada um dos meus filhos tinha o gene do meu pai e de Thomas DeRossi, assim como o de Frank, meu pior pesadelo.

Cabia a mim garantir que usassem seu poder, força e determinação para uma única coisa: proteger a família.

Depois, a *famiglia*.



Abriela De Rossi

— Vá devagar, Corleone. — Lucca segurou o braço de Axel antes que ele caísse — Ainda há muitos anos antes de me ultrapassar.

— Os novos derrubam os velhos. — Luigi ergueu seu copo, dando a Axel um olhar penetrante. — Você protegerá sua família?

O pequeno peito de Ax inflou.

— Sim, senhor, tio!

— E você, Antony? Fará qualquer coisa pela sua família?

— Luigi. — Repreendi, já prevendo que não viria nada de bom ali.

— Deixe-o. — Lucca me interrompeu. — É bom que eles saibam onde seu coração deve estar desde pequenos.

— Eles são crianças. São bebês.

— Eu e meus irmãos nos perdemos ainda pequenos, *bella*, e levou décadas para ter alguma humanidade outra vez. Não é o que dizem, pastor?

Dante ignorou a provocação, mas assentiu, olhando intensamente para seus filhos.

— “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho, não se desviará dele”.

— Estamos seriamente citando a bíblia como uma benção para que nossos filhos se tornem criminosos e assassinos no futuro? — Anita cutucou, beliscando Luigi quando ele tentou colocar a mão em sua boca.

— Você é a única que se livrará disso. — Alessa constatou, finalizando sua taça de champanhe e colocando-a na mesa, depois recostou-se, pegando a mão de Dante em sua coxa.

Linda. Cheia de classe. A imagem da perfeição.

Como eu admirava a minha irmã.

Não havia um defeito nela, nenhuma marca, nada que a impedisse de andar por aí com a certeza de que era o orgulho absoluto de nossa família.

— Não se livrará dos casamentos. — Lucca provocou, enviando a Luigi um sorriso torto.

— Por cima do meu corpo mutilado, filho da puta.

— *Filho da puta!*

— ... *di puttana!*

Os meninos começaram a repetir, um por um. As mãos levantadas, outras em concha. Italianos de berço, de raiz. Era como se a árvore mais antiga da Sicília tivesse dado frutos e eu e Alessa tivéssemos ido colher, regando até se tornarem aqueles seis homenzinhos.

— Não repita isso, Antony Lucca!

— Axel, Pietro, Romeo, Miguele! — Alessa gritou em advertência.

— Faltou o Giovanni. — Dante a avisou, sorrindo maliciosamente.

— E Giovanni! — Minha irmã riu, batendo em seu ombro.

— Tio Lucca. — Elena o chamou, ganhando toda a atenção do meu marido.

— Sim, *principessa?*

— Eu vou me casar, mas vou decidir com quem. — Ergueu o queixo, ainda com os olhos presos na gravata de Dante e a enrolando.

— Elena. — Luigi chamou. — Aqui. Agora.

Ela o ignorou. Lucca riu.

— Com quem você vai se casar?

Ela pensou um pouco e de repente seu olhar se dirigiu aos meninos brincando de luta em frente a lareira a nossa frente.

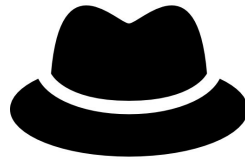
— Vou deixá-los lutar para decidir.

A voz infantil continha uma inteligência e finesse que eu só vi uma vez

antes.

Alessa.

Elena estava se tornando a cópia de minha irmã.



Anita De Rossi

A mão de Luigi congelou no interior da minha coxa. O desgraçado estava me provocando desde que começamos a jantar, mas as palavras de nossa filha fizeram-no ficar tenso, sem o típico sorriso no rosto.

— Elena. — Ele a chamou novamente, e eu podia ver que não havia brincadeiras dessa vez. Ele estava se controlando para não perder a razão em frente as outras crianças e minhas irmãs.

Ele sempre teve uma obsessão louca por mim, mas seu senso de proteção por nossas filhas era perigoso.

Rafaela ainda queria apenas brincar, comprar brinquedos novos e passar o tempo causando confusões com seus primos, mas Elena... Elena já se via em um vestido de noiva a caminho do altar. Eu tive uma quedinha ou duas por meninos mais velhos quando era pequena, até mesmo primos distantes. Quem não foi aquela menina boba que imaginava o casamento com algum primo?

Só para passar anos depois e levar aquelas fantasias como a maior vergonha já admitida.

— Romeo. — Ela falou olhando diretamente para Luigi. — Vou me casar com Romeo.

Luigi olhou para Dante. Seus olhos pegando fogo.

— Coloque-a no chão.

Entendendo que meu marido estava a ponto da irracionalidade, Dante fez como pedido.

— Venha até aqui, Elena.

Ela olhou para ele por um minuto, depois para Lucca, como se ele fosse salvá-la, mas seu tio também tinha um brilho perigoso nos olhos. Era uma regra absoluta que parentes não deveriam se relacionar. Jamais.

E ainda que ela fosse uma criança, sua obsessão com Romeo estava presente em todas as vezes que jantávamos ou almoçávamos juntos. Já houve vezes que publicamente Elena falou sobre seu casamento com Romeo e a *famiglia* não levou bem.

Elena finalmente foi até seu pai. Os olhinhos idênticos aos meus eram uma combinação tão confusa para mim. Eu ainda não entendia minha própria filha completamente. Hora bagunceira, hora feliz, hora irritadiça, mas na maioria das vezes calada. Observadora.

Parecia querer estar atenta a tudo e todos.

— O que foi, papai?

— Você não deve e não vai repetir isso, é uma ordem.

Ela olhou para mim.

— Mamãe não obedece às suas ordens.

— E por isso ela é castigada frequentemente. — Eu olhei para ele, observando sua expressão séria mesmo quando me provocou.

— Eu não vou ser castigada. — Era um decreto, como se ela tivesse poder sobre isso.

— Não se não fizer novamente.

Elena o observou um momento, virou para onde Romeo estava e depois para seu pai de novo.

— Tudo bem.

O sorriso que ela lhe deu, eu quis avisá-lo para ficar esperto, mas era ridículo da minha parte pensar de tal forma. Minha filha era apenas uma criança.

— Eu tenho presentes! — Surpreendendo a todos, foi Lucca quem falou.

— O que? — Eu perguntei, meu queixo sentia o frio do chão.

— É o dia de vocês, não?

— Embora não esperássemos que você fosse se lembrar, sim.

Lucca passou por trás de Abriela, inclinando-se para dar um beijo na cabeça de minha irmã e ela sorriu com tanta felicidade para ele que eu quase... quase admiti que respeitava o bastardo.

Mas é claro, jamais o deixaria saber disso.



Lucca De Rossi

Entreguei a caixa a Alessa, depois me aproximei de Anita em passos lentos.

Surpresa, mas tentando disfarçar, ela aceitou a caixa de veludo verde musgo e me deu um aceno.

— *Grazie*.

— Agradeça-me depois de abrir. Se gostar.

Ela abaixou a cabeça para esconder o sorriso, mas eu sabia que estava ali. Era sua tática. Fingir nunca ser afetada por mim, fingir indiferença. Mas, há muito tempo Anita não conseguia mais fingir comigo. Ela sabia que eu amava sua irmã acima de qualquer coisa e isso a fez me respeitar. Me admirar.

— *Cinque* — Alessa falou ao tirar o colar de pedras de pequenos diamantes por toda a correia e a pequena palavra no centro que estava coberta por diamantes azuis. Como a cor dos olhos do meu irmão.

Em momentos como aquele eu me permitia mostrar um pouco da humanidade que Abriela despertou em mim.

Alessa merecia.

— Seus cinco filhos. Suas heranças.

O olhar que ela me deu era a promessa de um abraço que não podia dar naquele momento e eu assenti em compreensão.

— *Due*. — Anita disse, sorrindo ao olhar para suas filhas, o colar dela também tinha diamantes cobrindo a corrente, mas os diamantes que cobriam o símbolo de Elena e Rafaela eram verdes como os olhos de minhas sobrinhas. Ela me fitou. — É lindo. *Grazie*, Lucca.

— Agora sim. — Dei-lhe um aceno curto, mas deixei que visse um brilho em meus olhos antes de encarar Abriela, dando a promessa silenciosa de que seu presente estava na privacidade do nosso quarto.

Ela se levantou, aproximando-se de mim e segurando o meu rosto.

— *Per sempre.*

Nino Rota “The immigrant” tocava ao fundo.

Eu segurei a mão de minha esposa e a puxei para mim. Os gritos das crianças encaixavam-se como acordes solenes da música e ela derreteu em meus braços.

Dançamos parados.

Dançamos com os olhos cravados um no outro.

— *Per sempre.* — Devolvi a promessa.

Dançaríamos pela eternidade.

**CONFIRA O PRÓLOGO DO MEU PRÓXIMO LIVRO:
SIRIU – CAVALHEIRO DAS SOMBRAS (DARK ROMANCE)**

Mãos na minha cintura.

Um sopro no meu pescoço.

Unhas cravadas na minha pele.

Sangue escorrendo pelas minhas pernas.

– Oh, Mistress.... ela é tão gostosa!

Eu reprimi um gemido de dor quando ele se tornou mais violento, suas coxas batendo por trás nas minhas tão forte que as palmas das minhas mãos tornaram-se insuportavelmente doloridas enquanto tentava me impedir de cair e meus joelhos sequer estavam protegidos pela fina camada da túnica branca transparente. Meu cabelo escuro caía cegamente na frente dos olhos, balançando com o ar que soprava da minha boca e os movimentos brutos que ele me empurrava a fazer.

A fila de homens finalmente estava no fim, todos foram agradados. Todos tinham sorrisos no rosto e pareciam felizes. Permiti um suspiro de alívio escapar, os convidados *dele* estavam satisfeitos, isso era tudo o que importava.

Meu cheiro já começava a ficar forte, eu havia acordado e ficado na água perfumada por horas para a preparação da cerimônia, mas ainda assim, quando a orgia acontecia no salão aos olhos *dele*, seus líderes e conselheiros, não havia como impedir o suor, o sangue e o líquido de satisfação dos homens misturados que ficavam sob o meu corpo de começava a cheirar.

Apesar de tudo, minha boceta, como eles chamavam, estava escorrendo pelas pernas, não apenas dos fluídos de cada homem no lugar, mas porque eu apreciava cada toque, cada mão que passava por mim, cada membro que se introduzia em meu corpo.

Sim, meu mestre havia me ensinado bem.

– Goze, *prostitutka*, eu quero que você goze comigo dentro de você. Vamos – pediu, e instantes depois eu senti o gelado da faca pressionando

meu pescoço. – Agora, escrava!

Ele nunca poderia me machucar realmente, a menos que *ele* deixasse ou ordenasse isso.

Ele.

O meu mestre.

Apertei meus músculos em volta dele, forçando seu membro duro a arrancar o orgasmo de mim. Um grito agoniado me escapou, o que o fez ainda mais animado. Muitas vezes, quando eu era desobediente, o mestre achava que as punições precisavam ser em diferentes níveis. Embora mesmo que eu fizesse tudo perfeitamente, havia sempre meios para me punir, ele apenas gostava.

Você tem a boceta mais apertada quando está com medo, Freya. Isso me faz querer mantê-la sempre aterrorizada, ele dizia.

Eu me lembrava da última o suficiente para não errar nunca mais.

Nós havíamos passado por um corredor acinzentado, onde barras de metal formavam caixas uma ao lado da outra, mas estavam vazias. Foi quando entramos num grande campo aberto e vi tantos homens. Eram uma lembrança constante do último castigo. O mestre havia chamado de presídio, e quando fomos embora, imaginei que os homens que viviam naquela comunidade presídio não deveriam receber mulheres para agradá-los com frequência, mas fiz como meu mestre pediu. Eu agradei cada um.

Com meu corpo.

Minha boca.

Minhas mãos.

Minhas lágrimas.

Principalmente com os gritos que eles gostavam de ouvir. Não falei por vários dias depois.

Eles foram muito duros com a minha pequena feiticeira. Todos os homens te desejam, Freya, não é culpa deles, você foi esculpida em perfeição. A sorte é minha que sou seu dono e a tenho ao meu lado pelo o resto da vida. Meu mestre dizia.

Ele me amava.

Ele cuidou de mim desde que me lembro e eu entendia que tudo o que fazia sendo bom ou ruim era para o meu próprio bem. O mestre me possuía e tudo o que eu era foi feito unicamente para o seu prazer.

Eu o amava também.

Quando o último homem me deixou, esperei por ele para me chamar e depois de alguns minutos, ouvi meu nome. Apenas ele me chamava de Freya.

Ele dizia que assim como a deusa, eu fui feita para o sexo. Nascida da luxúria e criada da beleza. Que eu era sua, que havia lançado um feitiço nele, e continuava amarrando os corações dos homens que passavam por mim. Que eu valia todo o seu ouro e por mim, ele causaria uma guerra.

Por mim, ele causaria mortes.

Eu não sabia o que tudo aquilo queria dizer, mas obedecia mesmo assim.

Caminhei até o mestre, tentando não demonstrar a dor entre minhas pernas quando ele me segurou a sua frente, me enfiando três dedos grossos e mordendo meu ombro. Quando os retirou e segurou meu rosto, o rastro de sangue molhado foi sentido em minha bochecha quando o sopro de sua voz veio.

– Você foi uma menina tão boa essa noite, minha feiticeira. Cada homem nesse lugar quer ter você, mas eles não podem, não é?

– Não, Mestre.

– E por quê?

– Porque pertenço a ti – sussurrei fracamente, dando tudo de mim para permanecer de pé.

– Sim, você me encantou e enfeitiçou. E agora, me pertence.

Mestre levantou-se de sua cadeira dourada e vermelha, chamando a atenção dos homens que festejavam abaixo do degrau. Do seu pedestal.

– Senhores, não há dúvidas que a mais bela criatura está presente nesse lugar. Minha feiticeira, minha bela Freya. Hoje, darei a vocês o prazer de tê-

la e fazer com ela o que quiserem.

Eu olhei para o mestre, mesmo sem sua permissão. Não entendia suas palavras. Ele havia acabado de permitir que eu estivesse com todos os homens ali, a fila incontável de homens atrás de mim, me tomando um por um e o rastro de sangue saindo pelos dois buracos mais íntimos do meu corpo provavam isso.

– Meu senhor? – sussurrei.

Ele não me ouviu, tentando acalmar a multidão que vibrava após seu anúncio.

– Bem-vindos a caça à bruxa! Não a machuquem permanentemente, o castigo para quem fizer isso será fatal.

Virando-se para mim com um sorriso maligno, Mestre segurou meu rosto, me beijando com uma delicadeza que não servia as suas palavras, antes de me soltar e apontar para a porta que abria o caminho de sua floresta.

Minha respiração era ofegante, o coração martelando no peito e visões daquela última cerimônia me inundando de uma só vez.

Não era uma caça às bruxas. Era uma caça A bruxa.

Sua feiticeira.

Freya.

Eu.

– Corra. – A voz firme do mestre ecoou em minha cabeça e tropeçando para trás, olhei para o corredor de homens que se abria até as portas para a floresta. Sem hesitar, virei-me e corri, quando bati nas portas, saindo para o ar fresco, o sol já caía, mostrando-me que logo ficaria tão escuro quanto a alma do meu Mestre e não haveria nenhuma chance de eu não ser encontrada com todos os homens procurando por mim.

Flashs da última caça às bruxas passaram pela a minha mente enquanto eu corria, atravessando as árvores e tentando colocar a maior distância possível entre mim e a masmorra. Perdi Aphrodite naquele dia, a única escrava permitida perto de mim. A única outra Mistress além de mim. A única pessoa com quem eu conversava e me permitia colocar em palavras dúvidas que surgiam em minha mente, como o que havia além das árvores do

Mestre, de onde vinham os homens que falavam diferente de nós, suas roupas, porque eram tão diferentes uns dos outros.

Ela queria conhecer mais pássaros, o pequeno ser que pousava em nossa janela e voava. Aphrodite disse que se chamavam asas. Asas de pássaros.

Mas ela se foi, e agora não havia mais dúvidas, nenhum riso, ninguém além das serventes do Mestre para cuidar das minhas feridas.

E agora era a minha vez.

– Venha aqui, feiticeira!

As vozes começaram a vir de todas as direções.

Eu corri.

A diversão do Mestre era me machucar, me fazer sangrar, me ver fugir. Apenas para me alcançar e mostrar que não havia nada para mim além de seguir suas ordens. Me pus a correr mais rápido, ouvindo sua voz em minha mente quando me ensinou a oração de agradecimento que eu lhe deveria enquanto vivesse.

Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas.

“Sempre louve a mim, Freya”.

O prazer se foi.

Gritos, passos estalando nas folhas secas e risadas atrás de mim começaram a ecoar pela floresta, aumentando o fluxo de lágrimas que caía pelo meu rosto, tropecei quando a dor em meio às minhas pernas ficou quase insuportável e soltei um grito abafado, olhando ao redor em desespero.

Levantei-me, com sangue nas mãos e meus pés ardendo dos cortes feitos de galhos e pedras.

Voltei a correr, corri até que a noite caiu.

Até que o sol desceu ao céu outra vez.

Mas, como todas as vezes, eles me alcançaram.

Com o sol subindo ao céu, flutuei nos braços dos serventes. Meus olhos ardendo de ficar horas e horas deitada no mesmo lugar. Fitei as nuvens se movendo, a lua sumir, a noite abandonando-me até que tudo ficou claro outra

vez. Me perguntei se era o fim, se acabaria daquele jeito.

Deitada em algum lugar perto do rio, a túnica rasgada e salpicada de sangue, minhas pernas abertas e machucados que não deixariam cicatrizes, porque o Mestre me queria perfeita para seu olhar e prazer. Meus olhos vidrados enquanto eu jogava a dor, as lembranças e os machucados para uma caixinha no fundo da memória. Aquela em que eu me forçava a nunca pensar, me obrigava a fingir que nunca aconteceu.

Logo, as mãos que me arruinavam me tomaram nos braços, acariciando-me durante o banho e me colocava para dormir. Então me lembrei porque esquecia a caixinha das lembranças. Para lembrar que cumpri meu dever e seria recompensada. Eu sobrevivi.

O Mestre estaria pronto e feliz para me receber.

“Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas. Gloria a ti, Mestre, eternamente.”

“Boa menina, Freya. Muito bem.”

AGRADECIMENTOS

Depois de anos tendo me despedido dessa família eu não pensei que voltaria a escrever sobre eles, mas depois de colocar um pouquinho dos meus mafiosos em Soldado de Gelo, a saudade bateu tão forte que eu sabia que a única forma de acalmar isso era trazê-los de volta.

Obrigada a todas as leitoras que leram e quem descobriu minha série através desse bônus e vai atrás de conhecer livro por livro. (Eu recomendo, viu?)

Amo tanto Alessa, Abriela e Anita que eu deveria ter imaginado que nunca conseguiria me despedir definitivamente. Esperem por mais desses mafiosos, pois já dizia Jack Haunt em O monstro em nós: nunca será um adeus com a gente.

Com carinho,

Nana

Instagram: [@nanasimonss](https://www.instagram.com/nanasimonss)

**CONHEÇA
OUTRAS OBRAS
DA AUTORA**



O MONSTRO EM MIM: NO BERÇO DA MÁFIA – LIVRO I

Eu pensei que poderia muda-lo...

Sempre apontada como uma perfeita menina da máfia italiana, Abriella Bonucci era adepta aos costumes, tanto que foi criada para ser uma boa filha, e consequentemente, a esposa perfeita.

Ela ainda insiste sonhar com um conto de fadas, mesmo que tudo a respeito da família onde nasceu tornasse isso quase impossível. Mas um casamento arranjado com um dos chefes da máfia, Lucca DeRossi, a faz duvidar de suas esperanças, porque não há um traço de bondade nas histórias sobre ele que correm pelos solos da Itália.

Abriella está prestes a descobrir que nem mesmo sua inocência e seu sorriso doce vão salvá-la do monstro com quem se casou.

Dizem que do ódio vem o amor e do amor vem o ódio.

Será que um coração morto pode voltar a vida?



O MONSTRO RENDIDO: **NO BERÇO DA** **MÁFIA – LIVRO II**

“Você tem o cheiro da morte, mas é a mais doce fragrância que já senti. E tudo bem, porque já provei venenos piores. Você prega peças e me confunde. Me salva e desvia da morte. Mas, no fim, ainda é a minha overdose...”

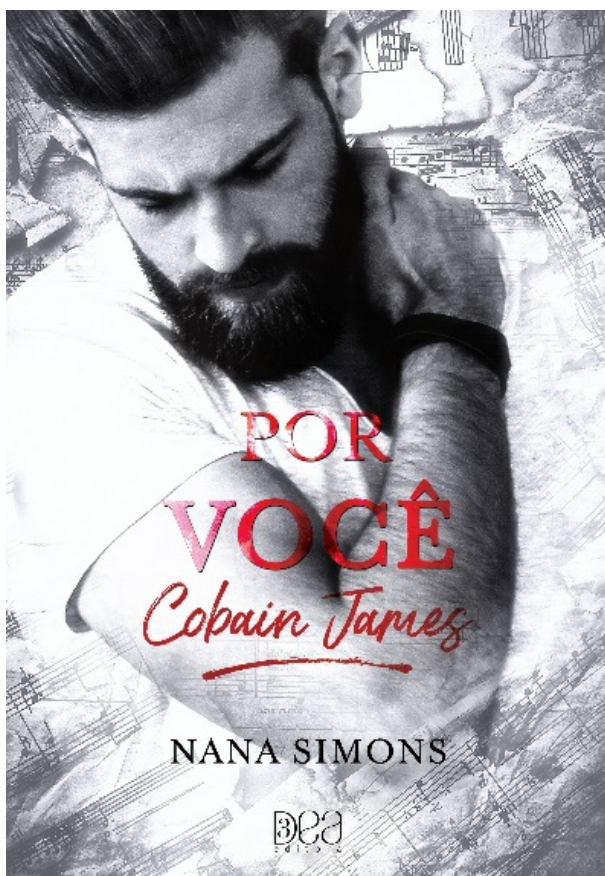
Anita Bonucci não conhece limites. Não tem papas na língua, não gosta de seguir regras e não joga para perder... até Luigi DeRossi entrar na jogada.

Luigi nunca teve problemas em conseguir o que queria, principalmente em se tratando de sexo. Dono de um incrível sorriso-sarcástico-encharcha-calcinha e a fama de levar qualquer mulher ao céu, o Consigliere não esperava nutrir uma obsessão pela garota de pior reputação de toda a máfia italiana.

Ela não vai se render.

Ele não vai desistir.

Uma noite, uma chantagem. E apenas um dos dois pode vencer.



POR VOCÊ, COBAIN JAMES

Danielle precisou aprender a viver com pouco, mesmo tendo vindo do muito. Hoje sua vida se resume a tentar cuidar de sua saúde e de seu filho Cody. Ela perdeu sua fé, desistiu de seus sonhos e a única coisa que a motiva é ele.

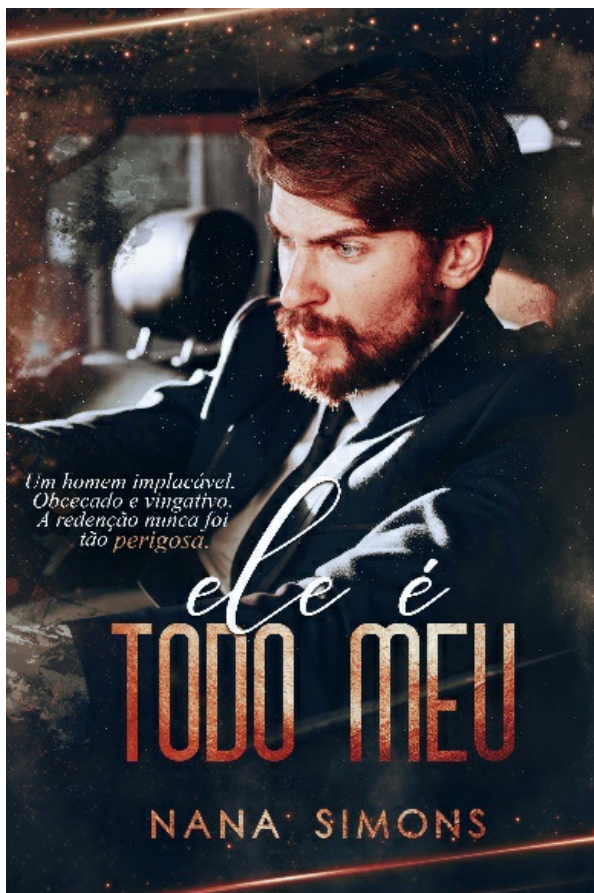
Já era difícil estar lidando com sua confusão constante, mas isso só piorou com a chegada de Cobain James. O homem de sotaque forte, olhos verdes tempestuosos e atitude bruta chegou sem que Danielle esperasse e transformou seus dias calmos em uma montanha russa de idas e vindas em suas emoções.

Uma mulher que parou de acreditar e um homem destruído pela vida.

Duas pessoas quebradas e um processo de cura que os leva a amar.

Não há corações dançantes que percam a fome de dançar e não existem almas puras que percam sua bondade. Elas precisam apenas encontrar alguém a quem se segurar e aprender o significado de valer a pena.

Juntos, eles constroem algo que pensaram nunca poder ter outra vez, mesmo tendo a certeza que o destino poderia destruí-los novamente em um piscar de olhos.



ELE É TODO MEU: IMPÉRIO – LIVRO 1

“A vida do implacável Marcus Ferraz de Fontana é um simples “o mestre mandou”, onde ele é o senhor de tudo e todos, e as pessoas ao seu redor são apenas peças do tabuleiro.

Ele tem tudo; dinheiro, mulheres e poder. Pelo menos, tudo o que importa.

Nos negócios, onde é rei e soberano, o Imperador – como é chamado – domina e controla o maior império do ouro do país, herança que sua família de origem italiana construiu a décadas no Brasil. A única coisa que toca seu coração são suas filhas: as gêmeas de quatro anos, Elora e Charlote.

Mas suas emoções controladas não o prepararam para saber que o casamento de seus pais está ameaçado pela jovem secretária de seu pai. Marcus conhece bem aquele tipo de mulher, lida com elas todos os dias. Ele podia ser chamado de insensível por todos, mas nunca deixaria que uma menina destruísse sua família.

Marina de Castro fugiu de Goiânia sem olhar para trás, encontrando no Rio de Janeiro um emprego dos sonhos e amigos fiéis. Amava seu trabalho mesmo com as poucas horas de sono e o telefone que tocava vinte e quatro horas por dia. Afinal, seu chefe, Humberto Ferraz de Fontana, era um dos empresários mais importantes do país e exigia perfeição, e ela estava disposta a cumprir o trabalho. Mas essa tranquilidade é ameaçada quando o filho mais velho de seu chefe aparece e começa a revirar tudo o que ela levou anos para deixar perfeitamente em ordem. Marina só não entendia porque depois de ver como Marcus era tão cortês com todos, a tratava como se ela fosse uma praga.

Ele estava decidido a destruí-la.

Ela estava destinada à sua ira.

Um equívoco. Um homem obcecado e vingativo. A redenção nunca foi tão perigosa.”

O livro contém: erotismo, vingança e um anti-herói



[ELA É TODA MINHA](#)

É necessário ler o primeiro livro: **ELE É TODO MEU.**

"Charlotte e Elora acabaram de completar cinco anos, começavam a se acostumar com Marina em suas vidas e tudo estava perfeito.

Mas as mentiras de Marcus começam a aparecer de todos os lados, comprovando que todo ato tem uma consequência. Segredos e armadilhas que ele havia escondido para planejar sua vingança contra Marina se revelam, destruindo tudo o que construíram juntos.

Agora grávida, com o coração partido e decidida a esquecer o imperador que a levou ao céu só para jogá-la no inferno, ela tenta recomeçar. Porém, todos sabem que não se coloca um homem como Marcus Ferraz de Fontana no passado e ele está determinado a conquistar seu cordeirinho de volta. Mais uma vez... custe o que custar!"

O livro contém: erotismo, vingança e um anti-herói.



[SOLDADO DE GELO](#)

ROMANCE DARK: Leia os avisos antes de iniciar a leitura.

Quando te arrancam tudo o que é bom, só resta o mal, e eventualmente, até suas maldades deixam de importar...

Demeron Konstantinova é uma máquina. Treinado para ser um soldado sem sentimentos e agir pensando apenas com um propósito: cumprir suas missões. Consciência, coração e empatia não fazem parte de quem ele é.

Se infiltrar desde os maiores escalões das agências do governo até as mais fechadas redes do crime é fácil, mas quando sua próxima missão revela uma mulher tão quebrada quanto ele, Demeron precisa se lembrar das razões pelas quais deixou sua humanidade a muito tempo ir embora, junto com qualquer compaixão.

Almas atormentadas se reconhecem como o reflexo de um espelho em pedaços...

Onira Tieko tem pesadelos com um passado que a destruiu e vive através de suas esculturas. Mas quando um homem determinado a proteger e amá-la aparece em sua vida, ela sabe que finalmente pode se entregar, pois chegou a hora de ser feliz.

Mas as intenções de Demeron não são puras e ela aprenderá que a confiança cega no amor, as vezes pode levar a só uma coisa: destruição.

As mentiras e segredos que envolvem suas vidas e cada pessoa que faz parte delas, os leva a um caminho trágico e sem volta. Onde corações partidos quebram de vez.

Um único toque será sua ruína.

Mas já estava escrito nas paredes antigas: A bondade intocada não serve e não foi feita para os mensageiros da morte.



O GOVERNADOR: **SUBLIME FASCÍNIO**

“O homem mais poderoso do Estado.

A esposa mais fria da casa.

E a mulher mais fascinante que ambos já conheceram.

Mentiras, traições e cálculos perfeitos.

Segredos que construíram uma conspiração perigosa entre a mulher e a amante, onde o alvo é um só: O Governador.

Juan Carlo Herrera é casado com o trabalho. Os boatos sussurrados que o seguiam por debaixo dos panos não levantavam suspeita, aliás, como poderiam? Juan era o político perfeito.

Aya Maria nunca se importou em manipular quem fosse preciso para conseguir o que quer, mesmo que isso machuque alguém. Para ela não existiam limites e nada era proibido. Sua única regra seguia um lema que ela nunca deixava para trás: “Primeiro eu, depois o mundo”.

Mas isso trouxe uma consequência sem volta e a levou para uma armadilha fatal.

Foi assim que o Governador do estado de Veracruz entrou em sua vida. Eleito há dois anos, longa carreira como empresário fora da política, muito bem falado e... muito bem casado. Isso pelo menos era o que todos pensavam.

Ele era um trabalho, algo temporário. Deveria ser passageiro. Foi o que sua esposa disse ao contratá-la, mas não o que seu coração confirmou. E para ele... ela não deveria ser nada, mas acabou se tornando seu fascínio mais sublime.

Mas há muito mais por trás dessa história do que Aya jamais poderia imaginar.

Um romance cheio de intrigas, mistérios e passagens de tirar o fôlego. Mas não confie em ninguém, até que a última palavra seja dita, todos são vilões.

“Meu nome é Aya Maria Castillo. Você vai julgar, vai me apedrejar e torcer contra a minha felicidade. Mas ainda assim, eu lhe convido a entrar, porque quero te contar a minha história. Você precisa saber que nem tudo é o que parece ser.”

Quando a tentação bater à porta, o pecado se tornará irresistível. ”

Table of Contents

[Aviso](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Próximo livro](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)